

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALESSANDRO GÜNTZEL

Depois da morte mas antes do Paraíso: as diferenças e semelhanças entre o discurso oficial da Igreja Católica e a crença expressa nos *exempla* em relação à purgação dos pecados no pós-morte na Península Ibérica dos séculos XIV e XV

PORTO ALEGRE

2009

ALESSANDRO GÜNTZEL

Depois da morte mas antes do Paraíso: as diferenças e semelhanças entre o discurso oficial da Igreja Católica e a crença expressa nos *exempla* em relação à purgação dos pecados no pós-morte na Península Ibérica dos séculos XIV e XV

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História, pelo curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. José Rivair Macedo

Porto Alegre

2009

“Porque em este mundo nom ha coisa mais certa que a morte”
Testamento de Maria Diaz, Évora, Portugal, 21/11/1415

ÍNDICE

RESUMO.....	3
INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1: A MORTE NA IDADE MÉDIA.....	6
1.1 A IGREJA CATÓLICA E A INVENÇÃO DO PURGATÓRIO.....	8
CAPÍTULO 2: AS FONTES ANALISADAS.....	12
2.1 OS <i>EXEMPLA</i>	12
2.2 A IMPORTÂNCIA DOS <i>EXEMPLA</i> NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	13
2.3 A UTILIZAÇÃO DOS <i>EXEMPLA</i> PELAS ORDENS MENDICANTES.....	14
2.4 CARACTERIZAÇÃO DAS FONTES.....	17
2.4.1 Libro de los exenplos por A.B.C.....	18
2.4.2 El Libro de los Gatos.....	23
2.4.3 Orto do Esposo.....	26
2.4.4 El Especulo de los Legos.....	29
CAPÍTULO 3 – DIFERENÇA ENTRE DISCURSO E PRÁTICA: as discrepâncias entre os <i>exempla</i> analisados e a doutrina Católica de purgação dos pecados após a morte.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS: respostas que levam a mais perguntas.....	43
BIBLIOGRAFIA.....	45
APÊNDICE 1: <i>Exempla</i> comuns a mais de uma obra.....	48

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo perceber como as coleções de *exempla* compiladas ou escritas na Península Ibérica durante os séculos XIV e XV tratam da possibilidade de remissão dos pecados após a morte do indivíduo, e se há correlação entre as concepções acerca deste tema nestas coleções de *exempla* com aquilo que era pregado oficialmente pela Igreja Católica durante o mesmo período, nomeadamente a doutrina sobre o Purgatório. Percebeu-se a existência de grandes discrepâncias entre essas coleções e a doutrina acerca do Purgatório. As fontes foram então comparadas com outras de mesmo gênero e temporalidade, porém de espaços geográficos diferentes, e também com fontes de gênero diferente, porém de espaços geográficos semelhantes, para se saber se as diferenças encontradas se deviam ao tipo de fonte ou ao local de produção das coleções, obtendo como resultado a segunda opção. Com isso concluiu-se que, ao que indicam as fontes estudadas, provavelmente a doutrina acerca do Purgatório ainda não havia se difundido na Península Ibérica nos séculos XIV e XV, mostrando que há um descompasso entre as igrejas peninsulares e a região central do catolicismo. Contudo, se mostrou bastante difícil perceber se a concepção expressa nos *exempla* possuía algum caráter popular regional, já que a análise das fontes mostrou que os autores das coleções buscam exemplos em diversas obras espalhadas tanto geograficamente quanto temporalmente.

ABSTRACT

The present work aimed to comprehend how the *exempla's* collection organized or written at Iberian Peninsula during the fourteenth and fifteenth centuries deals with the possibility of sins purge after the death of the individual, and whether there is some relation between the conceptions about this topic on the *exempla's* collections and what was officially preached by the Catholic Church in the same period, specifically the Purgatory's doctrine. It was clearly noticed that there are discrepancies between these collections and the Purgatory's doctrine. The sources were compared with others of the same genre and temporality, although the places were different, as well as the sources of a different genre were compared but with similar places, to know whether the differences found were about the kind of source or to the place where the collections were produced, obtaining as result the second option. It has been concluded that probably, according to the sources, the Purgatory's doctrine has not been widespread on the Iberian Peninsula in the fourteenth and fifteenth centuries. However, it proved difficult to comprehend if the conceptions expressed in the *exempla* would has some regional popular aspect, since the analysis of the sources has demonstrated that the authors of the collections have demanded concerning the examples of the several works geographically and temporally disseminated.

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa quatro livros medievais, escritos ou traduzidos na Península Ibérica durante os séculos XIV e XV, procurando perceber como estas fontes abordam a questão da possibilidade ou não da purgação dos pecados após a morte. Os quatro livros se constituem como coleções de *exempla*, um gênero literário voltado à pregação dos preceitos católicos, amplamente utilizados principalmente durante a Baixa Idade Média. O objetivo é perceber se os *exempla*, uma fonte de pregação utilizada em sermões, possuem visões discrepantes sobre como se dá a purgação dos pecados após a morte com relação àquilo que a Igreja Católica difunde oficialmente neste mesmo período, o que evidenciaria, se a resposta encontrada for positiva, uma diferença entre discurso e prática dentro da Igreja.

A questão da possibilidade dos pecados serem perdoados após a morte do indivíduo através de intervenções dos vivos já foi bastante trabalhada por Le Goff em “O nascimento do Purgatório”, obra de fundamental importância para este trabalho. (LE GOFF, 1993). A criação deste novo lugar na “geografia do além”, segundo este autor, é de fundamental importância, pois

“a geografia do outro mundo não é uma questão secundária. E pode-se esperar que exista uma relação entre a maneira como essa sociedade organiza o espaço aqui em baixo e o seu espaço no além, pois os dois espaços estão ligados através das relações que unem a sociedade dos mortos e a sociedade dos vivos” (LE GOFF, 1993, 18).

Segundo seus estudos, durante Baixa Idade Média a Igreja Católica já havia consolidado essa nova doutrina sobre as formas de como se dá a sorte das almas (1993, 343). As antigas crenças na possibilidade de intervenção dos vivos no mundo dos mortos foram, assim, incorporadas no universo imaginário Católico de forma oficial. O processo de instauração dessa nova crença, contudo, foi algo bastante longo, onde a Igreja precisou se opor às concepções pré-cristãs sobre o tema, bem como as suas próprias concepções anteriores à formulação desse novo lugar. Ariès, por exemplo, aponta para a gradual difusão das doutrinas católicas propostas pelos escolásticos, mostrando, através da análise de imagens, o quanto esta foi lenta, e o quanto houve de sincretismo com aquilo que já existia antes e que teria sido necessário “muito tempo para que as soluções das elites se impusessem inteiramente à crença comum” (ARIÈS in BRAET & VERBEKE, 1996,86). A ascensão deste novo lugar estaria ligada a um novo objetivo da Igreja Católica, que teria deixado de ser o de revelar os mistérios contidos na Escritura, para se tornar o de converter os leigos.

“A morte acabou por se tornar um elemento essencial da estratégia persuasora por eles [os pregadores] utilizada, como derradeiro momento do período em que o homem podia acumular méritos ou deméritos, por meio da prática das virtudes ou dos vícios, para, imediatamente depois dela, se apresentar ao tribunal divino, que lhe determinava o seu destino eterno”. (MATTOSO, 1995, 220).

Ao mesmo tempo em que o Purgatório ganha destaque no imaginário Católico, o *exempla* ascende como fonte de pregação, principalmente na Península Ibérica. (MATTOSO, 1995, 218). O caráter persuasivo deste tipo de fonte talvez explique essa correlação, na medida em que o principal objetivo do *exempla* é convencer e o da Igreja Católica é converter, coisas bastante assemelhadas. (LE GOFF, 1994, 123). Contudo, o *exempla* se constitui como sendo historietas criadas a partir de fábulas, de lendas, originadas no seio da cultura popular; a questão que surge é saber como uma fonte com esse caráter transmite os preceitos de uma doutrina tão recente quanto o Purgatório, ou seja, se as histórias escolhidas se baseiam em relatos antigos, como podem transmitir essa crença tão nova? Esta pesquisa trabalha com a hipótese de que há diferenças entre aquilo que a Igreja Católica formulou acerca do Purgatório e aquilo que é expresso nas coleções de *exemplas* analisadas sobre como se dá a purgação dos pecados após a morte. Se tais diferenças são evidenciáveis, serão elas derivadas do fato dos *exempla* se assentarem em uma tradição popular que ainda não incorporou as concepções mais recentes da Igreja?

CAPÍTULO 1: A MORTE NA IDADE MÉDIA

Falar acerca da história da morte é sem dúvida voltar aos historiadores da Nova História, da História das Mentalidades; é, sobretudo, falar de uma história na longa duração, da uma história das “atitudes coletivas” (VOVELLE in BRAET & VERBEKE, 1996, 12). Fazendo uma espécie de antropologia do passado, ligados ao estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, muitos foram os historiadores que buscaram compreender os significados das atitudes, dos ritos perante determinadas situações, e a morte foi talvez onde mais se gastou tempo. Não cabe aqui, porém, fazer a história da história da morte, mas sim colocar alguns pontos daquilo que já foi percebido pelos historiadores da morte.

É impossível falar do estudo da morte sem falar em Philippe Ariès. Muito do que foi escrito posteriormente terá suas obras pelo menos como ponto de partida. Expressões como “morte domesticada” ou “morte de si” ainda são importantes para entender a morte, neste caso, na Idade Média. Segundo este autor, na Alta Idade Média a morte era algo esperado e reconhecido, vivido serenamente, em público, considerado como uma espécie de sono prolongado – era a “morte domesticada” (ARIÈS, 1988, 19). Porém, a partir dos séculos XII e XIII, o falecimento teria se tornado algo mais dramático. A morte passa a ser vista como uma separação instantânea da alma do corpo, onde logo em seguida se daria o julgamento particular de cada defunto. A crescente individualização do homem da Baixa Idade Média também afeta a sua visão sobre a morte – surge a “morte de si” (ARIÈS, 1988: p.31). Cada um, a partir de então, será julgado de acordo com seus próprios atos em vida. Como foi percebido por Jacques Le Goff, passou a existir uma confusão entre julgamento particular e Juízo Final. Afinal, onde somos julgados? Logo após a nossa morte, ou no Juízo Final, juntamente com toda a humanidade? Questões como estas, diz Le Goff, aprofundam-se a ponto de criar um novo lugar na “geografia do Além”: o Purgatório. Acabou-se o “refrigerium” onde todos descansavam a espera do último dia para ressuscitarem e serem julgados; agora existe um lugar para onde todos irão após a morte, nada tranquilo, muito mais assemelhado ao Inferno do que a qualquer Paraíso (LE GOFF, 1993, 19).

Para entender as atitudes dos homens perante a morte, há que sem dúvida compreender o papel dado aos mortos na sociedade em questão, já que a morte também “representa uma etapa, um momento em um sistema de relações complexas entre este mundo e o Além, entre os vivos e os defuntos” (LAUWERS in LE GOFF & SCHMITT, 2002, 245). Também é

Lauwers que nos diz que “para apreciar a maneira particular como os homens medievais consideravam a morte e cuidavam dos mortos” é insuficiente abordar a morte apenas como um “rito de passagem”. Remetendo a Bourdieu, Lauwers vai utilizar os termos “ritos de instituição” e de “intercâmbios” para tratar da morte, pois ela também é um intercâmbio entre os vivos e os mortos.

Mesmo sabendo que os estudos da morte situam-se na longa duração, há que reconhecer as significativas mudanças ocorridas ao longo do tempo, mesmo que estas sejam bastante graduais. A morte na Antiguidade é diferente da morte na Alta Idade Média, que por sua vez também é diferente da morte da Baixa Idade Média. Existem agentes mais ou menos responsáveis por essas mudanças? Voltando a Lauwers, este destacará um, bastante óbvio talvez: a Igreja, ou, nas palavras do autor, a “instituição eclesial” (Idem, 246). Segundo ele, “primeiro ela transformou o tipo de relação entre vivos e mortos que havia dominado na Antiguidade, depois, nos séculos seguintes, procurou impor suas concepções e seus serviços à sociedade laica”. A sociedade de costumes – consuetudinária – irá alterar-se para uma sociedade de direito, e é neste âmbito que a Igreja irá moldar os costumes, ritos e crenças em torno da morte. É claro que, mesmo havendo um grande esforço da Igreja, há reminiscências pagãs no culto da morte. Ariès, por exemplo, percebeu tais continuidades nos objetos que foram enterrados junto com os corpos. Isabel Castro Pina, historiadora portuguesa, nos diz que

“a lenta e parcial penetração do cristianismo explica que, após séculos de evangelização, se destacassem ainda reminiscências pagãs, sobretudo ao nível das práticas religiosas ditas populares. O sistema pré-cristão da morte e a morte cristã não eram dois domínios separados, nem nas consciências, nem nas atitudes colectivas. Daí que, para compreender os fundamentos desta mentalidade, seja necessário, além de conhecer as expressões do pensamento claro e formalizado, reconstituir também a história dos mitos e das criações do imaginário colectivos, testemunhos involuntários tão ou mais seguros que o discurso organizado e erudito dos clérigos ou filósofos”. (CASTRO PINA, in MATTOSO, 1995, 125).

Como veremos adiante, a celebração da morte, a realização de todos os ritos funerários, se assentam em uma simples idéia: as orações dos vivos podem ajudar os mortos. Isso mostra que os costumes funerários e a doutrina cristã acabam por ser bastante contrastantes um ao outro no que toca a salvação da alma. Sobre isso, a doutrina cristã limita-se a uma proposta: os sufrágios dos vivos podem ser úteis aos defuntos que merecem se beneficiar deles. Como nos diz Lauwers, só existem três tipos de sufrágios: orar, celebrar a eucaristia, e dar esmolas por intenção dos mortos; os usos funerários, portanto, continua o autor, são práticas consuetudinárias, que variam com o tempo e de acordo com a região, e não estão tão

dependentes da doutrina oficial. (LAUWER in LE GOFF & SCHMITT, 2002, 246). Teoricamente, eles não ajudariam em nada a alma do morto, mas isso não impede a continuação destes ritos, que, pelo contrário, ganham maior vivência com o passar do tempo, e a Igreja parece ter sido, no mínimo, tolerante. Esse autor também chama a atenção para a ausência de referências na Bíblia sobre esse assunto, o que fez a Igreja ter que instituir práticas, o que teria sido feito entre os séculos IV e V, onde ela teria definido a natureza dos laços que os vivos deviam manter com os defuntos.

1.1 A IGREJA CATÓLICA E A INVENÇÃO DO PURGATÓRIO

Como já mencionado, a intenção deste trabalho é tentar perceber se há correlação entre o que é dito nos *exempla* peninsulares com o que é pregado oficialmente pela Igreja Católica na Baixa Idade Média com relação à purgação dos pecados no pós-morte; para isso se faz necessária a exposição dessa doutrina oficial da Igreja e como ela se desenvolveu ao longo da Idade Média, sendo indispensável abordar os estudos de Le Goff sobre o tema, historiador que mais despendeu tempo na análise dele. A base da exposição que segue é a obra “O nascimento do Purgatório”, onde este historiador mostrará a evolução da normatização da doutrina católica acerca da intervenção dos vivos no mundo dos mortos e, a consequência disto, o surgimento de um novo lugar na geografia do Além: o Purgatório. Para Le Goff, a emergência deste novo lugar no Além é merecedora de tal esforço já que provocou “uma modificação substancial das perspectivas do espaço-tempo do imaginário cristão”, algo que seria de grande importância, já que “essas estruturas mentais do espaço e do tempo são o esqueleto da maneira de pensar e de viver de uma sociedade” (LE GOFF, 1993, 15). O objetivo da exposição do que este historiador nos diz acerca do Purgatório é possibilitar um confronto entre a esta doutrina e aquilo exposto nos documentos aqui analisados.

A concepção inicial do Além cristão, com sua visão dual (Paraíso e Inferno/ recompensa e castigo), é herança de religiões anteriores a ele. A humanidade possuía um relativo livre arbítrio, concedido por um deus bom e justo, misericordioso, porém também severo, já que também poderia punir o mau uso deste livre arbítrio. Na punição entra em cena outro personagem do Além, talvez tão protagonista quanto o próprio deus: Satanás. O mundo terreno é concebido como local de penitência e provação, onde as pessoas deveriam se purgar pelo pecado original e ter boa conduta, já que é a conduta neste mundo terreno que será critério para a entrada ou no Paraíso ou no Inferno, as duas únicas sentenças possíveis e definitivas, decididas por Deus no Juízo final. A Igreja, por sua vez, possui papel importante

neste processo já que cabia a ela revelar como deve ser a conduta daqueles que almejam entrar no Paraíso, além de prescrever penitências com o poder de limpar as pessoas dos pecados já cometidos.

Apesar da Igreja não regular, ou mesmo confirmar a existência, de formas de intervenção dos vivos no destino das almas dos já falecidos, os primeiros cristãos esperavam que com os sufrágios – ajuda espiritual na forma de preces e oferendas dos vivos – pudessem ajudar aos pecadores mortos a escapar do Inferno ou, pelo menos, aliviar a espera destes pelo momento do Juízo Final. A própria idéia de que o destino da alma era conseqüência das atitudes em vida de cada um, nos primeiros séculos do cristianismo não era totalmente difundida, já que muitos acreditavam mais no caráter coletivo da decisão divina. Não havia um lugar no Além definido onde a alma dos pecadores poderia ser purgada, e, em parte por isso, essas crenças na intervenção dos vivos no mundo dos mortos demoraram a se desenvolver como uma doutrina hermeticamente pensada. Nestes primeiros séculos, o Inferno acabou por ser concebido como possuindo dois lugares dentro de si, um inferior, para os piores pecadores, e um superior, para os condenados por pecados mais leves e que poderiam ser, de alguma forma, beneficiados pela oração dos vivos. A Igreja, porém, nestes primeiros séculos não irá organizar definitivamente o Além, de forma que essa crença em um Inferno escalonado não encontrará correlação com aquilo que pregava, mesmo essa crença tendo se disseminando também dentro da cultura monástica.

O Purgatório, como o lugar onde se dará a remissão dos pecados, onde as almas poderão se beneficiar pelas práticas dos vivos, se desenvolverá no período entre o Ano Mil e o século XIII (mais especificamente entre 1150 e 1250), momento este onde os teóricos da Igreja não aceitarão a simples divisão dual do Além, criando assim esse terceiro lugar. (LE GOFF, 1993,18). Seu surgimento estará ligado à interiorização do sentimento religioso que “exige do pecador mais uma conversão interna do que atos exteriores”. (LE GOFF, 1989, 76). Teria sido pela crença dos primeiros cristãos na eficácia das suas preces pelos mortos que começou “movimento piedoso que deveria conduzir à criação do Purgatório.” (LE GOFF, 1993, 25). Criando-se esse novo lugar do Além, a Igreja reconhece a existência dos não totalmente bons e dos não totalmente ruins, ou seja, reconhece categorias intermediárias, inviáveis na concepção dual do Além dos primeiros séculos do cristianismo. As almas destinadas a esse terceiro lugar, um lugar de castigos, serão daqueles que se arrependeram antes de morrer, sujos apenas com pecados veniais – pecados ligados à carne, não tão graves quanto aqueles ligados à alma, que são de inteira responsabilidade dos homens – e que por isso não merecem

ser castigados pela eternidade, mas sim por um período determinado, finito, mesmo que em um lugar muito semelhante ao Inferno, onde as penas são tão duras quanto neste outro lugar. Para este lugar transitório irão agora aqueles que necessitavam se purificar, limpar a alma. Mesmo que não de forma proposital, uma consequência da criação do Purgatório foi o esvaziamento do Inferno, e será em resposta a isso que a Igreja acentuará a semelhança deste local com o Inferno, mesmo que sem negar que, como se verá logo em seguida, há somente uma saída do Purgatório: o Paraíso. O grau de intervenção dos vivos neste lugar será muito grande; a duração da pena, por exemplo, estará mais vinculada ao quanto os entes daquela determinada alma se esforçam em atitudes para aplacar seu sofrimento, da solidariedade dos vivos com os mortos, do que aos pecados cometidos por ela. Esses entes poderão ser familiares, amigos, religiosos ou mesmo santos mais devotados em vida.

Este novo lugar na geografia do Além, o Purgatório, será constituído como a porta do Paraíso, já que não há outro lugar para a alma daquele que para lá foi designado possa ir. A decisão divina da ida ao Purgatório vem vinculada à certeza de que a alma está salva, mesmo que possa demorar até o momento do Juízo Final. O momento da morte, por isso, acaba recebendo maior destaque, pois o julgamento individual passa a se dar logo após este momento, acabando com as indefinições de onde a alma ficaria aguardando até o momento do Juízo Final:

“A crença no Purgatório implica antes de mais a crença na imortalidade e na ressurreição, em que algo de novo para um ser humano pode acontecer entre a sua morte e a sua ressurreição. É um suplemento de condições oferecidas a certos homens para que alcancem a vida eterna. Uma imortalidade que se atinge através de uma única vida.” (LE GOFF, 1993, 19).

Os pilares dessa nova doutrina estão nas concepções de que há um duplo julgamento dos mortos, um no momento da morte e outro no Juízo Final, e de que existe uma grande responsabilidade individual na sorte do indivíduo após a morte. A primeira “supõe a projeção de um pensamento de justiça e de um sistema penal muito sofisticado” (LE GOFF, 1993, 19), já que as penas e o período de purgação dependem de uma gama bastante variada de fatores, e a segunda supõe um julgamento segundo os pecados cometidos por cada um. Entre um momento e outro (a morte e o Juízo final), criou-se um hiato de tempo, mais ou menos longo, durante o qual ocorria a “mitigação” das penas de cada ser humano, através de um maior ou menor grau de sofrimento. (LE GOFF, 1993, 15).

O Purgatório se constrói como algo intermediário em vários aspectos; com ele emerge um novo tipo de pecado, também intermediário “entre a pureza dos santos e dos justos e a

imperdoável culpabilidade dos pecadores criminosos”, o pecado venial – perdoável, “que precedeu de perto o crescimento do Purgatório e foi uma das condições do seu surgimento”, já que o Purgatório surge como o lugar de purgação dos pecados veniais. (LE GOFF, 1993, 19). Emerge um tempo intermediário, entre o momento da morte e o Juízo Final, e um lugar intermediário, entre o Inferno e o Paraíso. No caso deste último, o Purgatório terá que se firmar, por mais semelhante que possa ser, fora do Inferno, porque, como já dito acima, inicialmente o lugar de purgação dos pecados veniais se dava em uma parte mais superior do Inferno. Será somente com Dante que esse novo lugar encontrará uma localização definitiva, que penderá em direção ao Paraíso, mesmo que semelhante ao Inferno. Para se consolidar, este novo lugar também teve que sobrepujar as antigas crenças no *Refrigerium*, o seio de Abraão, crença esta mais ligada à bíblia. (LE GOFF, 1993, 20).

Além do aumento do poder dos vivos no destino das almas, ou seja, da solidariedade entre vivos e mortos, a disseminação dessa nova doutrina teve também como consequência o aumento do poder da Igreja, que a usa como um “instrumento de poder”:

“E para a Igreja, que instrumento de poder! Ela afirma o seu direito (parcial) sobre as almas do Purgatório como membros da Igreja militante, pondo à frente o foro eclesiástico em detrimento do foro de deus, o detentor da justiça no além. Poder espiritual mas também muito simplesmente (...) lucro financeiro de que beneficiarão, mais do que os outros, irmãos das ordens mendicantes, propagandistas ardentes da nova crença. O ‘infernal’ sistema de indulgências encontrará nelas finalmente um alimento revigorante.” (LE GOFF, 1993, 26).

Le Goff também destaca o papel da cultura popular na criação deste novo lugar no Além, já que foi com base na “tradição popular” que vários elementos essenciais desta nova crença serão formulados. Aqui o tipo de fonte analisado neste trabalho, os *exempla*, recebe destaque por este historiador: “os *exempla* sobre o Purgatório são muitas vezes provenientes de contos populares ou são aparentados com eles”. (LE GOFF, 1993, 28). O momento de criação deste novo lugar também coincide com a intensificação da pressão do folclore popular sobre a cultura erudita, onde a Igreja revê sua posição contrária às tradições vindas da Alta Idade Média, até então por ela escondida ou ignorada. (Idem).

O triunfo do Purgatório na teologia e no plano dogmático se deu no século XIII. Porém, a Igreja teve ainda que “descer o Purgatório das alturas da razão teológica, para a prática pastoral”, o que teria levado um curto período de tempo, já que no final do século XIII, segundo Le Goff, esta crença estaria disseminada por toda a Europa. (LE GOFF, 1993, 343).

CAPÍTULO 2: AS FONTES ANALISADAS

Neste capítulo serão descritas e analisadas as quatro fontes primárias utilizadas neste trabalho. Antes disso, porém, é necessário abordar de forma mais detalhada o tipo de texto que constituem essas fontes: os *exempla*, iniciando por uma definição do que são esses textos, passando para uma exposição breve acerca da importância e difusão deste tipo de fonte na Península Ibérica, para finalmente tratar dos quatro livros que constituem as fontes primárias deste trabalho.

2.1 OS *EXEMPLA*

A definição de *exempla* pode ser encontrada em diferentes obras de Le Goff; ele define:

“o *exemplum* do século XIII, que foi sua idade de ouro, como um conto breve dado como verídico (=histórico) e destinado a ser inserido num discurso (em geral, um sermão) a fim de convencer um auditório por meio de uma lição santa” (LE GOFF, 1994, 123).

Em outra obra, esse mesmo historiador complementa:

“O *exemplum* medieval é uma estorieta edificante, na maioria das vezes para uso dos pregadores, que gostam de introduzir *exempla* nos seus discursos para que os ouvintes assimilem melhor uma lição salutar. Trata-se, portanto, de um produto ideológico de largo consumo.” (LE GOFF, 1990, 158).

É a partir do século XII que este recurso de pregação passa a ter maior sucesso; sua origem está na antiguidade greco-romana, como uma “história de caráter histórico apresentada como argumento num discurso persuasivo” (LE GOFF, 1994, 123). O que na antiguidade era utilizado por oradores judiciários ou políticos, transforma-se, ao serviço do moralismo cristão, num instrumento edificante. O *exemplum* muda de natureza e de função entre os primeiros séculos do cristianismo e a metade da Idade Média, deixando de centrar-se em histórias sobre um único indivíduo, para se constituir numa narrativa, numa história que se deveria tomar no seu todo como um objeto, um instrumento de ensino e/ou de edificação. Está ligado à moda do narrativo “e, em particular, do narrativo breve, na literatura, na qual tem parentesco com o *lai*, o *fabliau* e o conto”. (Idem).

O *exemplum* busca sua força de persuasão no seu caráter recente. O tempo da história recente, alcançado pela experiência visual ou auditiva e por meio da memória oral (o tempo de uma memória particular), escolhido pelos *exempla* se dará em oposição ao tempo da

história antiga, ligado à memória escrita e aos eruditos. Esse caráter desta fonte teria levado aos frades mendicantes a serem os grandes difusores deste tipo de história, por serem “especialistas do tempo próximo”. (Idem, 125). O conto exemplar tem por objetivo “promover no ouvinte um acontecimento decisivo para a sua salvação futura: a sua conversão. O *exemplum* é um instrumento de conversão e esta conversão deve efetuar-se imediatamente”. (idem, 126). A importância desse gênero literário também é destacada por Kenton Dunbar, que afirma que essa “modalidade literária” teve maior impacto ao moldar e estabelecer a literatura, poesia, drama e ficção da vida ocidental, na medida em que deixou de ser utilizada apenas nos sermões, como fonte de pregação, para ganhar outros terrenos, como a educação e literatura.

2.2 A IMPORTÂNCIA DOS *EXEMPLA* NA PENÍNSULA IBÉRICA

A escolha dos *exempla* como fonte de estudo deriva do fato de estas narrativas curtas, utilizadas como forma de pregação, ocuparem lugar de destaque na Península Ibérica. O primeiro historiador a prestar atenção nesta fonte e perceber a relevância que ela possui nos reinos Ibéricos durante a Idade Média é José Mattoso; segundo este autor

“Apesar de importado, como estratégia pastoral, o *exemplum* enquanto suporte de pregação alcança um certo sucesso na Península. Vem ao encontro da tradição mediterrânica transmitida pelos Árabes, e acolhida com tanto interesse pelos clérigos e leigos nas cortes senhoriais e régias (...)”.(MATTOSO, 1995, 218)

Os *exempla* medievais possuem uma conexão com um ensinamento moral, espiritual ou religioso. A peculiaridade dos textos peninsulares vem do fato das coleções hispânicas serem tardias, podendo ser consideradas como “traduções ou imitações de obras análogas oriundas da Europa do Norte” (Idem, 217). Não seriam, porém, simples traduções, mas adaptações, já que estes seriam modificados para transmitirem preceitos que a Igreja Institucional procurava difundir. Por isso, os seres fantásticos característicos dos contos exemplares do norte são substituídos, na Península Ibérica, por santos, anjos, demônios e mortos, mais adequados aos dogmas católicos. Além disso, outra diferença apontada por Mattoso é que, enquanto nos contos do norte:

“os seres fantásticos desempenham estruturalmente a função de submeter o herói a provas purificadoras, os seres celestes do imaginário cristão passam a exercer normalmente a função de defensores de uma norma ou de uma ordem sagrada definida pelas autoridades eclesíásticas e a que todos devem submeter”.(Idem).

A estrutura narrativa é imbuída de um caráter popular que torna o *exempla* bastante persuasivo como forma de pregação. Diferentemente de Le Goff, Mattoso não apontará para quais segmentos da Igreja utilizavam exemplos com maior frequência como forma de pregação na Península Ibérica, dando a entender que estes eram utilizados tanto pelo clero regular (pelas ordens mendicantes) quanto pelo clero secular (nos sermões).¹ De qualquer forma, a informação mais importante para este trabalho retirada da obra de Mattoso é a grande difusão que este tipo de fonte teve na Península Ibérica.

2.3 A UTILIZAÇÃO DOS *EXEMPLA* PELAS ORDENS MENDICANTES

Ao longo da análise das fontes utilizadas neste trabalho, se mostrou de grande importância a resposta para uma questão chave: quem utilizava as coleções de *exempla* como forma de pregação. Tanto Le Goff (1993, 352, e 1994, 126) quanto Mattoso (1995, 220) apontam para o clero regular como o maior utilizador deste recurso, porém sem uma maior abordagem sobre o assunto. Uma abordagem mais detalhada, porém, é encontrada em um artigo de Jean-Claude Schmitt, *Recueils franciscains d'exempla et perfectionnement des techniques littéraires du XIII au XV*, de 1976, onde este autor sintetiza a obra de J. Th. Welter, criador de uma classificação das coleções de *exempla* medievais. Schmitt confirma a importância do papel do clero regular na utilização dos *exempla* como fonte de pregação, apontada brevemente por Le Goff e Mattoso, porém, segundo este autor, as ordens mendicantes, além de utilizar, contribuíram também para o desenvolvimento da literatura dos *exempla*, e a inserção deste tipo de texto nos sermões seria um dos traços mais característicos da pregação realizada por estas ordens. As ordens mendicantes seriam as responsáveis pelo surgimento de um gênero narrativo particular: o *exemplum*, as coleções de *exempla*, que tornou possível a disseminação massiva deste tipo de texto, e a multiplicação destas coleções ocorrida nos séculos XIII e XV seria prova desta opção das ordens mendicantes.

As ordens mendicantes, portanto, além de grandes utilizadores das coleções, forma também grandes criadores. A questão, porém, de quem foram os criadores originais das coleções de *exempla* que circularam pela Europa possui várias dificuldades para ser respondida. Schmitt destaca o fato de a maioria destas coleções ser anônima, o que é uma característica deste gênero literário, e que por vezes é difícil perceber se determinada coleção é nova, pois a repetição de exemplos era muito comum. Welter, tentando perceber onde cada

¹ Mattoso afirma a utilização dos *exempla* pelos mendicantes, mas não menciona se de forma mais ou menos frequente do que o clero secular. (1995: p.220).

coleção foi concebida, criará critérios de identificação dos criadores anônimos, baseados 1- na maneira como o autor fala do clero regular ou do clero secular, da ordem dominicana ou franciscana e dos seus respectivos fundadores. Na ausência destas menções, uma coleção franciscana seria reconhecida pelo número elevado de *exemplas* que cita São Francisco. 2- Se a coleção for de origem franciscana, ela normalmente demonstrará grande conhecimento sobre a natureza, influência dos bestiários franciscanos, e de uma pregação franciscana fiel a uma tradição naturalista, que remonta à experiência original do fundador da ordem. Welter identifica o grande período de criação de composições de *exempla* como sendo entre os anos de 1250 e 1350, o que estaria ligado com o fato de que durante a primeira metade do século XIII, no momento do primeiro desenvolvimento das ordens mendicantes, os *exempla* já estariam sendo utilizados e recolhidos pelos pregadores, mas ainda não compilados. Essa compilação não teria iniciado antes que a massa de *exemplas* recolhidos tenha sido bastante importante para exigir uma reunião e classificação. As compilações foram favorecidas pela instalação definitiva dos conventos e pelo desenvolvimento dos estudos nas ordens mendicantes. A partir do século XIV, a rede de conventos estava então quase completamente constituída.

A forma como as coleções de *exempla* foram utilizadas pelos pregadores pode ser identificada através da análise da disposição interna dos *exempla* nestas coleções. Welter identificou quatro formas de disposição: 1- coleções sem nenhum tipo de ordem aparente dos *exempla*, que por sua vez não possuem título; 2- coleções sem ordem aparente, porém com exemplos precedidos de título que indicam o seu significado; 3- coleções com um plano lógico implícito ou explícito indicado, no último caso, por títulos de parte da coleção ou de capítulos desta; 4- coleções em ordem alfabética segundo o título. Esta quarta categoria seria a mais numerosa, e é onde normalmente se enquadram as coleções franciscanas. Welter percebeu que as coleções em ordem alfabética são normalmente de origem britânica e franciscana, o que estaria, na verdade, relacionado. Isso evidenciaria o desenvolvimento intelectual da Universidade de Oxford, onde durante esse período de ascensão dos *exempla* os franciscanos tomaram o primeiro plano. Schmitt complementa a informação afirmando que os conventos ingleses não eram lugar de grande produção intelectual, já que esse papel era da Universidade de Oxford, que formava leitores que eram enviados a todos os conventos; os conventos, por sua vez, costumavam mandar um monge para esta universidade. Esse costume resultaria no melhoramento da pregação franciscana, que teriam, por isso, sofisticando a forma de pregação, optando pela repetição organizada dos *exempla*.

A criação das coleções de *exempla*, portanto, estaria ligada ao aumento da influência das ordens mendicantes, principalmente dos franciscanos. Estas ordens teriam sofisticado a utilização desse tipo de fonte, reunindo e classificando os *exempla*, já que

“a repetição dos mesmos *exempla* no seio de um corpus fechado, anônimo, e sempre melhor ordenado deve facilitar a improvisação do pregador e a memorização por ele, como também pelos fiéis de um número limitado de noções essenciais ilustrados de um modo concreto pelas mesmas histórias convencionais”. (SCHITT, 1976, 21)

Por fim, Schmitt afirma que os franciscanos continuaram utilizando as coleções de *exempla* e recolhendo novos *exempla* mesmo no período de declínio da utilização deste tipo de texto pela Igreja, o que mostraria os franciscanos como mais próximos do povo.

As fontes utilizadas neste trabalho, infelizmente, não dão conta de afirmar que segmento da Igreja da Península Ibérica utilizava mais os *exempla* como fonte de pregação. Contudo há indícios que podem em parte esclarecer essa questão. A coleção *Orto do Esposo* foi criada por um monge português, sendo que o elogio constante a simplicidade, solidão e contemplação são características da obra que a ligam ao clero regular, provavelmente aos cistercienses. O *Especulo de los Legos* possui todas as características de uma coleção franciscana, de acordo com a classificação proposta por Welter e retomada por Jean-Claude Schmitt: uma coleção muito bem organizada, em ordem alfabética, onde os *exempla* são agrupados de acordo com a proposta temática do autor da compilação². O *Libro de los Gatos* foi originalmente escrito também por um monge, já o *Libro de los exemplos por ABC* foi escrito por um Arcebispo, ou seja, ligado ao clero secular. Essas informações dão a entender um predomínio do clero regular na criação das coleções de *exempla* analisadas aqui, porém isso talvez não seja o suficiente para responder quem eram aqueles que mais utilizam estas coleções. Em Portugal há ainda uma coincidência interessante que pode apontar em direção uma resposta; é no século XIII, juntamente com o advento da utilização dos *exempla*, que os Franciscanos e Dominicanos fundam conventos nos principais núcleos urbanos, passando a ter papel importante no ensino. (GALLI, 1997, 23). Além disso, com relação aos Franciscanos, pouco tempo depois de se instalarem em Portugal estes já teriam grande simpatia da população das cidades:

“Se a vida pobre, a pregação, o exercício da caridade cristã e a pureza de vida foram fatores que tornaram os Franciscanos benquistos junto à população; por outro lado, a atitude despreziosa dos mesmos em relação às querelas pelo poder e por terras os tornava, ao mesmo tempo, diferentes do clero local – quer o regular ou o secular – e os fazia parecer inofensivos

² Welter afirma que o *Especulo Laicorum* é de origem franciscana. (SCHMITT, 1976).

ao poder real, cioso para controlar o poder. A postura daqueles irmãos os limitava ao âmbito do poder espiritual, fator importante em uma sociedade onde as desavenças oriundas da intromissão do espiritual na esfera do temporal e vice-e-versa eram constantes". (DUARTE, 2006, 2553).

Ao contrário dos Franciscanos, os Dominicanos, que chegaram na mesma época, se envolveram em questões com o rei, entrando em conflito com este, sendo tidos como menos carismáticos pela população pelos monarcas portugueses. (Idem). Seria a partir de 1220 que, com o apoio real e do clero secular, os Franciscanos, nomeadamente a Ordem dos Frades Menores, começou a espalhar conventos pelo território português. Por fim, pode-se destacar o importante papel que os Franciscanos irão desempenhar nas instituições de ensino portuguesas, principalmente na Universidade e nos cursos de Teologia, (Idem, 2556) que leva a crer, voltado a tratar da utilização dos exempla, que, além de provavelmente os Franciscanos estarem mais ligados à pregação em Portugal, estes também tiveram papel importante na formação dos clérigos em geral.

2.4 CARACTERIZAÇÃO DAS FONTES

Antes de apresentar as quatro fontes primárias analisadas neste trabalho, cabe frisar alguns aspectos que se mostraram muito importantes ao longo do trabalho. Primeiramente, deve-se perceber que há uma significativa diferença entre a coleção "*El especulo de los Legos*" para as demais fontes. A explicação para isso está no fato desta coleção ser uma tradução de um original inglês, como se verá adiante, e os demais serem de produção ibérica. A coleção "*El libro de los gatos*" também se trata de uma tradução inglesa, mas bastante diferente da primeira obra já referida, já que, como também se verá, o tradutor possui também o caráter de criador, pois praticamente metade daquilo que está nesta coleção foi sua criação. A coleção "*El especulo de los Legos*" pode ser tomada como uma obra inglesa na sua totalidade, excluindo apenas o apêndice, devido à impressionante fidelidade do tradutor ao texto original. (É claro que não se deve negar que o simples fato dessa tradução existir, de ter havido o interesse do clero de traduzir essa obra para o castelhano, seja algo significativo).

Portanto, o papel desempenhado pelo "*El especulo de los Legos*" será diferente daquele destinado às demais obras. Como se verá adiante, essa obra será muito mais ligada à doutrina "ortodoxa", na falta de um termo melhor, da Igreja Católica de Roma se comparada com as outras de origem ibérica.

Outra nota que deve ser feita é que, segundo a classificação feita por, Maria Rosa Lida Malkiel (MALKIEL, in PATCH, 1956, 217), as quatro obras que são analisadas neste

trabalho estão na categoria “literatura didática”, ou seja, foram criadas no seio da Igreja como fonte de pregação. A outra categoria apontada por esta autora é a “literatura devota”, onde se enquadra livros criados por pessoas não ligadas a Igreja, mesmo que os temas tratados sejam muito semelhantes às obras clericais. A partir desta informação, talvez se possa tentar identificar a que público eram destinadas as coleções que aqui são analisadas. Como se verá logo em seguida, o livro de Clemente Sánchez parece ter sido escrito com o objetivo de ser destinado ao público em geral, pessoas de fora da Igreja que não dominavam o latim. O *Libro de los Gatos*, originalmente criado pelo monge Ode de Cheriton, era destinado a outros padres³. O *Especulo de los Legos*, pela forma como é organizado, indica ser destinado a outros monges, bem como o *Orto do Esposo*.

2.4.1 Libro de los exemplos por A.B.C.

Livro escrito pelo leonês Clemente Sánchez de Vercial, Arcebispo de Valderes, com datação incerta, entre os anos de 1400 a 1421. É a maior coleção de exemplos da língua espanhola medieval, sendo o único “alfabeto” (coleção de contos estabelecida por ordem alfabética) de exemplos. A edição utilizada neste trabalho é a de John Ester Keller, de 1961.⁴ A ordem alfabética se dá pela primeira letra da máxima latina que intitula cada exemplo. Após o título em latim, em todo o exemplo segue a tradução deste em um verso em espanhol.⁵ O número total de exemplos é de 467, embora esse valor tenha sido motivo de discussão, já que diferentes manuscritos existem com numeração variada, por vezes com mais, por vezes com menos exemplos.⁶ John Keller, na análise que faz do livro, aponta para os prováveis objetivos de Clemente Sánchez quando o escreveu; para ele provavelmente o livro era destinado a pessoas que não conheciam o latim, e seu objetivo seria apenas entreter; contudo, o livro acabou por ser utilizado também como guia para sermões, e a ordem alfabética seria forte indício disto. Keller também dá bastante importância ao fato de que a utilização deste livro em sermões iria de encontro ao concílio de Salzburgo, de 1386, e contra a uma corrente

³ De acordo com The Catholic Encyclopedia. <http://www.newadvent.org/cathen/11212a.htm>

⁴ Existem apenas duas edições deste livro. A primeira é do ano de 1860. John Keller aponta para o fato de o *Libro de los Exemplos* perder apenas para as Histórias Afonsinas em número de fontes utilizadas na elaboração, e mesmo assim ter sido objeto de estudo de poucos trabalhos. (KELLER, J.E. 1961)

⁵ Por exemplo, o exemplo 16, intitulado AMATORES HUIUS SEculi DECIPINTUR CADUCA SPIRITUALIBUS PREFERENTES em espanhol levou o seguinte títulos: Los que las cossas deste mundo aman, a ssy mesmos engañan.

⁶ A edição de Keller trás a numeração do manuscrito de Paris. O autor destaca que nem todos os exemplos presentes na coleção de Clemente Sánchez estão neste manuscrito; a numeração utilizada neste trabalho obedece àquela proposta por Keller, onde os números correspondem ao manuscrito de Paris, e os números entre parênteses são os originais de Sánchez que não foram copiados no manuscrito de Paris.

que criticava o uso dos contos nos sermões. “Muchos de sus *exemplos* pertenecen a la categoría considerada como nociva en Salzburg, y más tarde em los concílios de Sens (1528), Milan (1565) y Bordeaux (1624)”. (KELLER, 1961, 19). A posição de Keller é a de que Sánchez teria como objetivo que sua coleção de exemplos fosse um livro de contos interessantes, que moralizasse o leitor, não seria, portanto, destinado aos demais eclesiásticos.

Sobre o conteúdo dos exemplos, foram selecionados, num total de 467, 69 exemplos, sendo estes todos aqueles que fazem alguma menção à vida após a morte⁷. Nestes exemplos, a principal preocupação é em mostrar o que um bom cristão deve fazer em vida para alcançar a salvação, e o que acontece àqueles que não seguem os preceitos da doutrina. A principal forma de salvação seria se desapegando às coisas materiais antes da morte. A alma é o assunto principal na maioria destes exemplos, sendo vista como a única coisa que importa a um bom cristão.

O além mundo é caracterizado simplesmente como Paraíso ou Inferno, porém, poucas são as descrições destes lugares. Uma delas está no exemplo 12, onde o autor, falando do destino que um advogado tem depois da morte, nos diz:

Onde Lyesse en unos cantares, que fizo Seneca, que parecio a un ombre que vio al enperador Nero que se bañava en los infiernos e los servidores que estaban acerca del que lançavan sobre el oro ferviente e viu venir una compañía de abogados e dixoles: – “O mis amigos, linaje de ombres que se venden, llegatvos aca e bañatvos aqui conmigo” –. (p.35).

O Paraíso, por sua vez, é descrito como “un lugar muy fermoso en que estava un campo de maravillosos olores e la su grandeza e fermosura non podria ser contada”. (p. 331, exemplo 426). Neste exemplo, um filho é convidado por um anjo a visitar o lugar onde seu pai e sua mãe estão depois da morte, para decidir que caminho escolher para o futuro; este é um recurso muito recorrente ao logo do livro: mostrar o além mundo através da visita de alguém guiado por um anjo.

Quando trata do inferno, costuma-se descrever as penas dadas aos pecadores, e dentre estes, os usureros são os que mais sofreriam. É isso que afirma o exemplo (385)⁸, onde um padre pede a Deus que lhe mostre o inferno, e um anjo o acompanha até lá:

Dios oyole e enbirole su angel que le levo al infierno e mostrole diversas maneras de tormentos, e entre todos los otros muy spantosos e vio un escala em que eran diez grados en que estaban enforcados diez ombres uno sobre otro. E el primero era um viejo muy antiguo mezquino e podrido,

⁷ Segue a numeração dos exemplos destacados depois da análise: 4, 6, 7, 12, 16, 23, 24, 25, 27, 28, 30, 32, 33, 39, 40, 44, 46, 52, 54, 55, 70, 73, 98, 119, 123, 135, 149, 150, 153, 154, 165, 169, 190, 193, 200, 201, 203, 247, 254, 267, 292, 293, 296, 298, 308, 336, (283), 352, 353, 357, 303, 372, 375, 382, 383, 386, 396, 398, 399, 400, 402, 404, 414, 417, 426, 430, (385), 435 e 448.

⁸ Este exemplo não está no manuscrito de Paris.

e de yuso del estavan los otros colgados, cada uno en su grado. Los diablos atormentavan estos ombres e crelmente los açotavan e con grafios de fierro los despedaçavan.

E veyendo estos ombres, pareçiole que la pena destes era mayor que todas las otras penas del infierno. E maravillandosse, demando al angel quien eran estos.

E rrespondio el angel: –Aquel que esta en el primer grado fue un viejo que de usuras gano muchas rriquezas, e porque non satisfizo padeçera aquella pena para siempre. E el segundo fue su fijo, que commoquier que non dio a usuras, porque ovo la heredit del padre malgada, e non quiso satisfazer por su padre, para siempre padeçera esta pena. E el terçero fue nieto del primero e fijo del segundo, e non fue usurero, mas retuvo a sabiendas los bienes que su avuelo avia ganado por usuras; (...) (p.335)

A idéia de que o pecado da usura é transmitido a todos aqueles que usufruem do dinheiro conscientes da sua origem é recorrente ao longo do livro. No exemplo 430 é narrada uma história de um filho que vai para o inferno devido ao dinheiro herdado pelo pai, e lá este ficou a eternidade perseguindo seu pai querendo vingança pelo que este o fez.

Quando trata do além, é comum exemplos das recompensas que o indivíduo recebe no paraíso; essas recompensas possuem ligação direta com as obras realizadas em vida, e por isso, muita importância é dada à esmola aos pobres, e em todos os exemplos onde ela é citada, se afirma que a recompensa será cem vezes aquilo que foi dado de esmola aos pobres em vida. O exemplo (283)⁹ traz essa mensagem já no título: “Quien a los pobres faz limosna alguna, en el otro mundo avera ciento por una”. (p.268). Em todos os exemplos onde há menção a esmolas se deixa claro a idéia de que estas sempre ajudarão bastante o indivíduo quando chegar a hora de seu julgamento; no exemplo 135 temos inclusive um caso onde uma pessoa dá esmolas contra sua vontade, mas por isso sua alma é salva quando ocorre seu julgamento. (p.117)

O inferno é mencionado mais vezes do que o paraíso, e o motivo disso parece bastante claro: ao mostrar como é o inferno pretende-se que aqueles ainda vivos revejam sua conduta para não terem aquele destino. Dois exemplos trazem essa mensagem bem clara; no exemplo 200 (p.161), um anjo permite a uma pessoa já morta que retorne ao mundo dos vivos e viva conforme as normas cristãs. No exemplo 201 (p.161), Deus permite a um conde que volte a vida após este prometer que terá uma vida regrada. Nestes dois exemplos, apesar de mencionado, o inferno é descrito muito vagamente, apenas como um lugar de tormentos, repleto de fogo.

Um personagem citado em alguns exemplos é o dragão. O lugar onde está este dragão não é definido, já que quando ele é mencionado o autor não utiliza a palavra Inferno. Segue parte do exemplo 438, o último do livro, onde o destino da alma dos hipócritas é exposto:

⁹ Este exemplo não está no manuscrito de Paris.

E dixo assy: –Quando creyades que ayunava convosco, you comia ascondidamente, e agora soy dado a un dragon que me coma e destruya. E con su cola me ha atado las piernas e los pies; e su cabeza mete en mi boca para sacar el mi espiritu.

E deziendo esto, morio. E el dragon a quien era dado non espero a quien fuese librado por penitencia. E bien parece que por provecho de los que lo oyeron aparecio este dragon. (p.341).

Percebe-se que o lugar onde está o dragão ainda não é no além, já que a ameaça que ele representa é física, e se afirma que seu objetivo é arrancar a alma do corpo pela boca do pecador. Além disso, o exemplo destaca que o pecador já não tinha mais para quem apelar, mesmo que ainda não tivesse morrido.

Os santos também recebem lugar de destaque nestes exemplos, pelo poder que estes possuem de salvar a alma do indivíduo, inclusive os não cristãos (fazendo-os se converterem). Maria é a mais citada, pois é vista como uma espécie de “advogada de defesa” no momento do julgamento, e também por ser detentora de grande poder, já que diversos exemplos mencionam pessoas que foram salvas por rezar a ave Maria com grande devoção no momento da morte (exemplos 44, 46).

A alma é o tema principal de todos os exemplos selecionados; por ser o que de mais importante possui o ser humano, ela recebe vários exemplos tratando da sua caracterização. O exemplo 24 nos conta que a alma é invisível; o exemplo 25 menciona a possibilidade de a alma voltar ao mundo dos vivos para se comunicar com eles; e o exemplo 27 expõe a possibilidade da alma aparecer na forma de uma pomba. Em alguns exemplos que têm a alma como tema é mencionada a possibilidade da alma ser perdida ainda durante a vida mediante algum pacto com o diabo.

Sobre menções a algum tipo de purgação de pecados após a morte, elas são muito raras. No exemplo 28 temos uma das poucas vezes onde essa possibilidade é evidenciada. O exemplo se intitula “por la deuda non pagada, la anima es encerrada”. A história contada é bastante interessante: dois pescadores teriam encontrado um grande cubo de gelo que não se derretia; esse cubo teria sido levado até o bispo, pois este sofria de um problema nos pés e o gelo aliviava muito as dores. No entanto, o cubo mostrou-se não sendo algo milagroso, mas sim o resultado de uma punição que Deus teria dado a uma alma. Uma voz saiu do cubo, e o bispo começou um diálogo com ela:

– yo soy una anima que esto em este yelo em pena por pecados que cometi e podria ser librada desta pena si me dixieses treynta misas continuadamente cada dia e non entreposiesen dia en médio –. El sancto obispo por compasion della dixo estas misas, e luego el yelo se rresolvio en agua e esto mostro que era anima. (p.48).

Além deste, o exemplo 386 também trás uma história semelhante; nela, um padre chega tarde para dar a extrema unção a um moribundo. Culpando-se por isso, o padre chora sobre o corpo já desfalecido. Acontece então que o homem ressuscita e diz aos presentes:

–Unos imbres muy negros me levavan, e de sus bocas e sus narizes salia muy grand fuego que non podia sufrir. E levandome por unos lugares muy oscuros, un mançebo muy fermoso salio a nos e dixo a los que me levavan: –Tornatlo, ca Severus sacerdte llora, e Dios lo ha dado a sus lagrimas.

E luego Serenus saçerdote se levanto de tierra e rrogo a Dios por el e diole penitencia. E despues de siete dias faziendo penitencia, al octavo alegremente dio el anima a Dios. (p.298).

É interessante notar que neste exemplo, um homem vivo (o padre) conseguiu influenciar no destino de uma alma. Contudo, apesar de Deus ter ouvido as preces do padre, aquela alma ainda não era digna de entrar no paraíso, precisou passar por um período de purgação, que durou 7 dias, e que se deu na terra, já que durante esses dias a alma retornou ao corpo.

O exemplo 372, por sua vez, traz uma afirmação direta da utilidade da missa no destino da alma por quem se reza. Nele se cona a história de um homem que, após a morte, teria sido condenado a voltar para a casa de banho na qual trabalhava enquanto vivo. Certo dia, esse homem pediu a um padre, que havia lhe presenteado com um pão, que rezasse por ele, para que sua alma fosse livre para entrar no céu. O padre rezou missas pela alma daquele homem fazendo este se livrar de sua punição, e, conseqüentemente, adentrar o paraíso. Este exemplo será novamente abordado no próximo capítulo.

Porém, alguns exemplos trazem uma idéia contraditória à exposta acima; no exemplo 357 (p.275), há a mensagem de que o indivíduo deve se arrepender antes do momento derradeiro da morte. A história contada é a de um homem, pai de um monge, que no momento da morte é visitado por diabos que pretendem levar sua alma; em desespero, esse homem chama pelo filho, para que este reze por ele, numa tentativa de salvação. Deus, porém, não teria atendido às preces do monge, pois há muitos dias esperava o arrependimento daquele homem, e que aquele momento, a morte, já era tarde.

Dos exemplos analisados, três deles dão destaque ao lugar onde o corpo deve ser enterrado. No exemplo 398, conta a história de um homem luxurioso que havia sido enterrado em uma igreja; em uma noite, dois espíritos negros foram vistos arrastando a alma deste homem para fora da igreja, e no dia seguinte os clérigos, verificando a sepultura, viram que esta se encontrava vazia. A conclusão que o autor do exemplo chega é de que

“por lo qual parece que los que tienem graves pecados e se fazem enterrar en lugar sagrado, que se judgan por su presunpcion e que los lugares

sanctos non los libran, mas ante los acusa de la culpa de su locura.” (p.309).

No exemplo 400 (p.310), o autor nos conta o caso de um pecador que foi enterrado na igreja de São Januario em Roma, e que na noite após o enterro, os clérigos ouviram sua voz gritando por ajuda, que estava sendo queimado. Abrindo o caixão, os clérigos se depararam com somente as roupas do defunto. O autor utiliza esse exemplo para novamente afirmar que os pecadores sofrem mais ainda quando são enterrados em lugares santos; no exemplo 353 (p.272), seguindo essas idéias, o autor afirma que aquele que não teve a penitência antes da morte não deve ser sepultado em igrejas.

Através dos exemplos analisados também é possível ter uma idéia de como a morte era encarada. O exemplo 375 (p.289) é bastante emblemático para este objetivo. Intitulado “El que bien bive e sanctamente, ante de tiempo veye la muerte” o exemplo afirma que aquele que vive santamente chega à morte mais rápido, dando uma clara idéia de que a morte é vista como algo bom.

2.4.2 El Libro de los Gatos

Livro escrito originalmente pelo monge inglês Odo de Cheriton, por volta do ano de 1220, com o título original de *Fabulae*. O nome do espanhol que traduziu (ou adaptou) essa coleção de exemplos para esta língua é desconhecido; sabe-se que esse tradutor não se limitou a simplesmente copiar as moralizações latinas, pois muitos dos exemplos foram modificados para dar origem a moralizações diferentes. (KELLER, 1958, 10). A edição utilizada neste trabalho também pertence a John Keller. Na análise que faz da obra, Keller afirma acreditar que o *Libro de los Gatos* “representa uma temprana floración de ideas de legítima protesta contra los males sociales del día, sean éstos eclesiásticos o seculares”. (KELLER, 1958, 10). Esse livro é uma das primeiras coleções de contos traduzidos do latim para o espanhol e representa um dos primeiros contatos literários importantes que tiveram os espanhóis com a produção inglesa:

Es necesario darse cuenta de que la mayoría de las moralizaciones son originales, no formando parte de la obra de Odo. Importa también notar que no sólo las moralizaciones, sino también hasta los *exiemplos* mismos, contienen mucho del sabor local español. Tenemos en el *Libro de los Gatos* una obra española, que como el *Conde Lucanor* de don Juan, da a su contenido un ambiente muy español, de modo que podemos decir que es al mismo tiempo traducción y obra original. (...) Se puede decir que las trasladó si admitimos que la traducción no es exacta y que en las manos del copista español el texto sufrió ciertos cambios y añadiduras. Además, todas las fábulas de Odo no están incuídas en el libro español; en realidad,

hay unas setenta y cinco fábulas en la obra latina y solo aparecen cincuenta y ocho con títulos en la española. (KELLER, 1958, 13 e 18).

Faz-se necessário destacar também que o monge inglês Odo de Cheriton, passou parte de sua vida na Espanha, e que tanto os sermões, quanto os exemplos que este escreveu, acabaram tendo influência dos costumes espanhóis. Além disso, parte significativa do Libro de los gatos foi escrita pelo tradutor anônimo. Após cada exemplo, há uma moralização, um trecho que explica o exemplo; Keller, ao comparar a obra original com a versão espanhola, percebeu que a maioria dessas moralizações é criação, e não tradução, do copista. Tendo isto em vista, se percebe uma intenção deste tradutor/criador de satirizar aqueles membros da Igreja Católica que não vivem conforme as regras estabelecidas pela instituição; grande número de exemplos são críticas diretas a esses membros desregrados, e esta crítica surge apenas na moralização. Segue abaixo um dos exemplos trazido pelos livros para mostrar como são os textos presentes nele (a moralização se trata do último parágrafo):

IV

ENXIENPLO DEL CAÇADOR CON LAS PERDIÇES

Un caçador andava caçando perdições e avia malos ojos e lloravanle mucho.
 Dixo uma perdiz a las otras: - Catad que que santo ombre es este.
 Dixo la outra perdiz – Por que diçes que este ombre es santo?
 Rrespondio la outra: - Non vees commo lora?
 E la outra rrespondio: - E tu non vees commo nos toma?
 Bien ansi es; e ansi nos contesçe a muchos obispos e muchos perlados e a otros señores que paresçe que son Buenos e fazem grandes oraçiones con lagrimas, matando a los sus sujetos, e tomanles lo que an a sinrreçon. Mal dichas sean las lagrimas e las oraçiones de los tales! (p.41)

Analisando o conteúdo dos exemplos, que são no total de 58¹⁰, apenas 15 possuem alguma menção à morte ou ao além mundo. Esses exemplos possuem em comum uma visão de que os pecados devem ser purgados antes da morte, pois isto definiria o seu destino no além (inferno ou paraíso). Uma figura comum é o diabo como um ser capaz de capturar a alma do indivíduo e levá-lo ao inferno, tanto logo após a morte dele, ou mesmo ainda durante a vida. Comum também é a idéia de que viver na fartura traz como consequência um destino terrível após a morte.

Poucas são as menções de como é o além mundo. Os exemplos normalmente se atêm a afirmar que pode ou não entrar no Paraíso (quem ama muito os bens terrenos, mulheres de má conduta, animais...), e de que existem apenas dois destinos após a morte: Céu ou Inferno. Um exemplo é merecedor de destaque, por ser o único que tenta caracterizar o além mundo; se

¹⁰ Segue a numeração dos exemplos destacados depois da análise: I, V, XI, XII, XIII, XX, XXIII, XXX, XXXII, XXXV, XXXVII, XXXVIII, XL, XLVI, LI.

trata do exemplo XXXVIII, intitulado ENXIENPLO DEL ASNAR CON EL CUERVO.
Seguem os trechos mais relevantes:

“Mas si llos ombres pensassen en este mundo que cosa es e commo no es otra cosa sino sueño, que um ombre pobre que se duerma e se suenã muy rico, quando despierta, mas triste esta que non si se soñase pobre. Otrosi un ombre rrico que se sueña pobre, quando despierta, esta muy alegre porque se falla rico. Ansi es en este mundo que lo ombres que son pobres e son buenos, espidem su tiempo em serviçio de Dios; e quando van a parayssso, fallasen muy rricos e muy bienandantes. Otrosi, aquellos que son rricos e muy bienandantes em este mundo non quieren fazer al sinon aquejjo que es serviçio del cuerpo. E despues muerem e van al inferno. Aquellos son mas malandantes que oros ombres”. (p.107)

(...)

“E bien ansi es de los ombres que todos vienem de una parte de uma madre, de Adan e de Eva. E despues juegan los unos com los otros. El uno ganava, el outro perdía, e el que ouede vencer al outro, aquel es tenuto por mejor; mas despues son puestos sin rregla em la bolsaa, que es entendiendo los cuerpos en llos lozilos e las animas en los infernos donde non han ordenamiento ninguno, mas espanto sin fin. E aun que vayan a parayso, a vezes van los que son en este mundo menores delante lo mayores, e delante los rreys, e delante los señores en aquella corte tan noble, que devian cobçiar los ombres ser em ella mas onrrados, alli quieren yr mas deshonnrrados commoquier que bien aventurado sera aquel que yra alla, ca el que en parayssso menos bien toviere terna mas que nunca podría merescer a Dios.” (p.108)

A principal diferença deste *exempla* para os demais é a breve caracterização que ele faz do inferno – onde não há ordenamento nenhum, mas espanto sem fim. O autor se refere ao inferno no plural, o que talvez seja algo relevante, embora essa utilização não fosse incomum na literatura medieval ou mesmo na linguagem comum. Além disso, esse exemplo traz uma analogia onde a vida seria um sonho e o pós-vida seria um despertar; pessoas que se dedicam apenas aos “serviços do corpo” acordariam numa posição desagradável quando esse sonho terminar.

Outra característica importante destes exemplos é a importância dada à cerimônia e ao local do enterro. Pessoas não dignas não deveriam ser enterradas com cerimônia religiosa ou em local sagrado. Contudo, nenhuma importância é dada ao local ou à cerimônia no que toca o destino da alma do defunto em questão. O exemplo XLVI (ENXIEMPLO DE LA MUERTE DEL LOBO) é o que trata mais diretamente desta questão. Segue o trecho mais significativo:

“(...) E despues que la missa fue cantada e el lovo fue enterrado, e de los bienes que dexo el lobo fizieron buen ayantar las anumalias e fortaronse muy bien. E ansi que cobdiçiavan que Dios les diesse otro tal cuerpo commo aquel.

Ansi acaesçe muchas vegadas que quando es muerto algun rrobador, o algun logrero, o algun ombre rrico que ha ganado lo suyo, comegele el

perlado o el abbad do es enterrado, face llegar el convento de las bestias que se entienden por algunos nesçios que viven como bestias.” (p.120).

O lobo é visto em todos os exemplos em que aparece como o mais perigoso dos animais, por, entre outras coisas, ser enganador. No entanto, os animais não hesitaram em fazer um funeral, onde os bens do lobo foram divididos. Não há menção a essa cerimônia feita pelos animais ajudar de alguma forma a alma do lobo. Em seguida, na moralização, se percebe o repúdio do autor às cerimônias que os clérigos fazem a homens ricos ou ladrões.

2.4.3 Orto do Esposo

Tal como a coleção *El libro de los Exemplos por ABC*, o *Orto do Esposo* foi originalmente escrito na Península Ibérica (em Portugal) no final do século XIV, embora não se saiba o nome de seu autor. Este texto teve grande popularidade em sua época se levado em consideração o grande número de cópias existentes em bibliotecas medievais. A edição utilizada neste trabalho é do ano de 1956, pertencente a Bertil Maler. Cabe ressaltar que o foco da análise se dará apenas nos exemplos que o livro possui, e não no enunciado de cada capítulo.

Sobre a forma como os exemplos estão dispostos ao longo do livro, cabe informar que são num total de 141, sendo que a grande maioria tem seu início destacado. Cada capítulo trata de um tema específico e possui um ou mais exemplos para ilustrar o que está sendo dito. Na maioria dos casos, a palavra Exemplo delimita o início deste, porém isso não é regra, já que alguns iniciam no meio de parágrafos, sem nenhuma referência.

Sobre os exemplos que tratam de algo relacionado à vida após a morte, ao além mundo, o número destes é bastante reduzindo, dando a entender que este não era tema que o autor objetivava dar grande destaque. Um recurso recorrente utilizado pelo autor para mostrar o além mundo são os exemplos de pessoas que são convidadas a irem até ele (normalmente ao inferno) para que depois possa dizer aos demais como é aquele lugar e quais são as maravilhas ou os tormentos que as almas lá passam. O primeiro deles é o 1º exemplo do capítulo III do livro 1 (p.9), onde o inferno não é caracterizado, apenas mencionado como um lugar de grande tormento. O 1º exemplo do capítulo VII do livro III (p.52) traz algo semelhante, embora nele seja uma alma que volta para dizer a um conhecido como está sua

situação após a morte,¹¹ o que também ocorre no 1º exemplo do capítulo XLVII do livro IV (p.269).¹² (Esta questão será retomada no próximo capítulo).

Algumas referências se fazem ao nome de Jesus Cristo como algo que pode salvar a alma dos tormentos do inferno; no 1º exemplo do capítulo III do livro 1 (p.9) se faz menção a um homem sofrendo as penas no inferno, porém, devido ao fato de o nome de Cristo estar escrito em sua cabeça, nada se fazia contra ela; no 4º exemplo do capítulo V do livro I há a afirmação de que “se o home guardar firmemete este nome Jhesu eno coração, nunca seera queymado do fogo do pecado ne do fogo do jnferno (...)” (p.13).

Diferentemente do “*Libro de los exemplos por ABC*” e do “*Libro de los gatos*”, o *Orto do Esposo* faz algumas menções ao Purgatório. A primeira delas é no 1º exemplo do capítulo V do livro II (p.47). Este exemplo fala de um imperador de Roma denominado Trajano e do papa Gregório; depois da morte do imperador, este papa teria implorado a deus pela salvação da alma daquele. Em troca da salvação da alma de Trajano, Deus exige que Gregório ou passe dois dias no Purgatório, ou o restante de sua vida enfermo. O papa escolhe então a segunda proposta. O lugar onde se encontra a alma de Trajano antes da interseção do papa, contudo, não é referida. O 1º exemplo do capítulo XXXIV do livro IV afirma que depois da morte a alma vai ou para o paraíso, ou para o inferno, ou para o purgatório, este último descrito como “lugar para chorar e ão para auer prazer” (p.220). O 2º exemplo do capítulo LII do livro IV (p.292) menciona a morte de dois padres, onde um teria sido “lançado enas penas do purgatorio” e o outro “leuado a juizo ante Deus”. Neste exemplo a alma do padre que foi enviada ao purgatório retornou ao corpo para que a pena fosse paga no mundo dos vivos (como ser verá no próximo capítulo, esse é um detalhe importante). Após a pena ter sido paga, o padre morre novamente para daí sim ir até o paraíso. Neste caso o padre somente conseguiu voltar ao corpo depois do papa e alguns cardeais rezarem algumas missas em nome do padre, ou seja, somente com o auxílio dos vivos a alma pôde retornar ao corpo. Outro caso de auxílio de vivos aos mortos se vê no último exemplo do livro, onde há um cavaleiro amaldiçoado a todas as noites morrer queimado. Quando questionado sobre como ele poderia ser auxiliado, o cavaleiro respondeu:

¹¹ Este exemplo é muito interessante porque a alma que volta é a de um aluno que vem falar com seu antigo professor, dizendo qual é a pena dos sofistas após a morte. O exemplo termina com aquele professor deixando a ciência e se dedicando à religião, que seria “o estudo da sabedoria”.

¹² Neste exemplo um monge volta para dizer a outro sua situação após a morte. O interessante é que há aqui uma crítica aos bispos, pois segundo este exemplo “se eu fora do conto dos bispos, fora do conto dos reprouado e dos maaos”. (p.269).

Pode. Se uos fezessedes e todollos mosteyros e egreyas da uosa terra fazer oraçom por nos, e sacerdotes dizer missas por nos, seremos liures deste tormento.” (1º exemplo do capítulo LXX do livro IV, p.353).

Embora mencione o Purgatório, muito mais comuns são os exemplos onde a alma do indivíduo é levada diretamente ao inferno logo após a morte. O 1º e o 2º exemplos do capítulo V do livro IV (p. 104-105) trazem histórias de avarentos que são mandados diretamente ao inferno; o 2º exemplo é interessante porque o avarento vai ao inferno por não doar tudo o que tinha aos pobres, pois não queria deixar sua mulher e seus filhos sem nada (mensagem também presente no 1º exemplo do capítulo XXXI do livro IV, p.206)¹³. Em ambos os exemplos o dinheiro proveniente destes avarentos é mostrado como maculado pelo pecado até que seja doado aos pobres. O 1º exemplo do capítulo XI do livro VI (p.123) afirma que aqueles que vivem em tavernas, sempre bêbados, também tem o inferno como destino.¹⁴ Além disso, há algumas passagens que falam acerca do dia da ressurreição dos corpos, momento onde haveria o julgamento dos vivos e dos mortos, que dão a idéia de que até lá a alma não iria nem para o paraíso nem para o inferno. O 1º exemplo do capítulo XXII do livro IV (p.170-173) fala de um homem que fora torturado, mas que não teria negado a Deus como queriam seus torturadores:

“E este sancto home, porque desprezou os seus mebrs e a fremusura corporal por Jhesu Christo, ouue a fremusura spiritual e celestial, e ave-lla-há mais cõpridamente ena resurreyçon dos corpos.” (p.173).

Alguns exemplos ainda passam a idéia de que quem não faz doações aos pobres vai diretamente ao inferno, como no caso do 1º exemplo do capítulo XLI do livro IV (p.245).

O momento logo anterior à morte é destacado como muito importante no destino da alma. A extrema unção e a confissão de todos os pecados são fundamentais para a entrada da alma no paraíso. No 1º exemplo do capítulo XXXV do livro IV um monge vai ao inferno e vê um padre que era tido por todos como muito bom. Em resposta à pergunta do monge para saber por que ele estava ali, o padre respondeu:

“Todos cryam que eu era bõõ, mas eu ecubertamente husaua esta maldade, e, quando estaua e ponto de morte, nõ quisse confessar este pecado co uergonça e, quando me senti muy chegado aa morte, mãdey pello capellã pera lle cõfessar este pecado contra natura, e, ante que elle veese, sayo-me a alma. E ajnda padeço outra mayor uergonça, ca muytos demões han custume de uiir a my e faze a my muy torpemete perante

¹³ Neste exemplo o usurero também não doa seus bens porque pretende colocar a prova o que dizem as escrituras: “e eu quero prouar se dizem uerdade as Escripturas, que nõ quero dar ne entregar o meu, e asy quero morrer, e veerey se he uerdade o que me dizes” (p.207).

¹⁴ Este exemplo afirma que os demônios do inferno estão cansados pela grande quantidade de almas que lá estão.

muytos aquello que eu figi, e esto me ha tanta uergonça e tanta afliçom, que nõ posso dizer.” (p.222).

Uma mensagem recorrente nos exemplos é de que a pobreza seria condição de entrada no paraíso. Quando se fala da pobreza não se menciona a necessidade da alma passar por algum período de purgação, mas ela seria uma garantia de entrada no paraíso:

“Onde diz Sam Bernardo que os pobres e aos marteres he prometido asuadamente o regno dos ceos, porque o regno dos ceos compra-se pella pobreza mas ena paixom que o home padece por Jhesu Christo logo lhe he aberto sem tardança o regno dos ceos.” (1º exemplo do capítulo XXIX do livro IV, p.199).

O diabo, por sua vez, é mostrado como uma ardilosa criatura sempre a espreita por corromper alguma alma. Alguns exemplos mostram que o diabo protege àqueles que conseguem corromper almas, como no 1º exemplo do capítulo XX do livro IV (p.161), onde o diabo protege uma moça, que sempre convida outras a dançar, de ladrões, argumentando que ela traria muitas almas ao inferno. O 1º exemplo do capítulo XI do livro VI (p.123) traz a história de um homem bêbado que receberia dinheiro do diabo para que convidasse outros a beber, corrompendo as almas destes. Poucas são as descrições físicas do diabo, embora o 1º exemplo do capítulo XXI do livro IV (p.166) mostre o diabo como um dragão “muy cruel”. Por vezes se mencionam “diabos” (no plural); nestes momentos estes são descritos como criaturas que vêm pegar a alma do pecador para levá-lo ao inferno, sem mencionar possibilidade de purgação após a morte.¹⁵

2.4.4 El Especulo de los Legos

Esta compilação de exemplos foi originalmente feita na Inglaterra sob o título de *Speculum Laicorum*, no final do século XIII. Embora desconhecido, Jose Mohedano Hernandez crê que as características do texto indicam que o autor era integrante de alguma ordem mendicante, pelos muitos relatos de ações dessas ordens durante a obra. Além disso, quando o clero regular é citado normalmente é de forma depreciativa, mostrando que não se tratam de bons exemplos. (HERNANDEZ, 1950, XV). Pertence a Hernandez a edição utilizada neste trabalho. Nos comentários que faz acerca da obra, quando trata dos objetivos do autor inglês, Hernandez nos diz:

“La Idea que se desprende Del estudio de conjunto Del *Speculum Laicorum* ES que el recopilador há querido escribir un manual completo de predicación, para venir em ayuda y socorro de su amigo y Hermano em

¹⁵ O 1º exemplo do capítulo XXXI da segunda parte do livro IV (p.207) menciona tais diabos.

religión. Para ello se esfuerza en disponer metódicamente toda la teología dogmática y moral para uso de los legos, recurriendo AL procedimiento alfabético, ya usado en las anteriores collecciones de ejemplos”. (HERNANDEZ, 1950, XXIII)

O livro possui 569 exemplos, e o autor é bastante metódico na apresentação deles: cada capítulo se compõe de três partes distintas – de uma definição, com divisão, subdivisão e exposição teológica; de citações de diversas autoridades, e no final, do exemplo. A versão castelhana do livro possui um apêndice onde se conta “La estoria de la fiesta del Cuerpo de Dios”. Hernandez afirma que o autor deste apêndice é se trata da mesma pessoa que traduziu o livro inglês para o castelhano. A datação desta tradução é incerta, embora Hernandez acredite ser da metade do século XV. Sobre o objetivo da tradução do texto para o castelhano, este autor nos diz:

“El hecho de que se traduzca y el número de manuscritos parecenn em principio indicar se trataba de un libro importante y muy apreciado aún por los predicadores del XV. Para nosotros ES indudable que la primera finalidad por la que se tradujo AL catellano fué para servir de manual de predicación, cosa muy verosímil si se tiene em cuenta la carecia casi absoluta de obras de este tipo en lengua vulgar em la literatura castellana durante la primera mitad del siglo XV.” (Hernandez, 1950, XLI).

Sobre o conteúdo dos exemplos, destacam-se os do capítulo XXIII – Del cuydado que deuenos auer de los finados. O enunciado do capítulo (o texto existente em todos os capítulos antes dos exemplos) destaca a efetividade da oração pelos mortos no destino destes no além: “santa cosa es e saludable orar por los fynados, porque sean librados de los pecados”, “deuenos auer cuydado de los finados es la grandeza de las penas que padescen en el purgatorio” (p.104). Segundo este enunciado, quatro seriam as coisas que os mortos aproveitariam muito para a purgação dos pecados: missas, orações, doações aos pobres e penitências. Os exemplos deste capítulo complementam estas idéias, dizendo que um período de trinta dias de missas seria o suficiente para fazer a alma de o indivíduo passar até o paraíso (exemplo 150, p.104). Além disso, o capítulo XLVI – De las indulgencia, possui dois exemplos (316 e 317, p.222) que evidenciam a eficiência das indulgências na retirada da alma dos indivíduos do purgatório.

De peculiar deste livro em relação aos demais estudados neste trabalho é o fato de o Escepulo de los Legos ter um capítulo dedicado apenas ao purgatório (capítulo LXXVI, p.381). No enunciado do capítulo o autor afirma que nele responderá o que é o purgatório, por que foi criado e como é este lugar:

“purgatorio es fuego corporal en qual son atormentadas as almas de los justos que non cunplieron en esta vida la penitencia que les era deuida. (...)”

El purgatorio puede ser prouado por razón del logar, ca el Çielo es logar muy linpio, segund aquello que es escripto a los veynte e dos capítulos del Apocalibsi. (...) debe auer purgatorio por razon de la conpannia de los ángeles e de los santos.” (p.382)

Sobre quem vai ao purgatório, o autor afirma:

E es de saber que tres sin las maneras de los omes que salen de aquesta vida, ca unos son muy buenos e van sin pecado mortales e veniales, e éstos van luego al reyno de los çielos. E otros son muy malos e éstos tales desçienden luego al inferno, (...) e los terçeros son medios, conuiene saber los que van con alguns pecado veniales. E estos tales no pueden entrar em el reyno de los cielos que es lugar de puridat como ellos no sean puros”. (p.382).

Seria pelo fogo que as almas seriam purgadas:

“El fuego prouará qual sea la obra de cada uno e que aquel cuya obra ardiese resçibirá danno, será enpero saluo así commo por fuego.” (p.383).

No purgatório, quatro seriam os agravantes das penas lá sofridas: 1- a alma sofreria mais por não estar revestida pelo corpo, 2- por maiores que sejam as penas, o indivíduo não pode morrer devido a elas, 3- as penas seriam muito ásperas e 4- a duração das penas é muito grande. (p.383). Os exemplos deste capítulo retomam estas idéias, complementando com algumas informações: o exemplo 489 (p.386) relata onde fica o purgatório – “el purgatório parte es del inferno em el linbo, commo quier que de algunos se Lea que purgan em algunos lugares espeçiales”; e o exemplo 491 afirma que o tempo do purgatório é mais longo do que o tempo terreno.

É interessante o fato de vários exemplos deste capítulo serem praticamente iguais a outros vistos nos demais livros estudados. O exemplo 151 conta a mesma história da alma presa no cubo de gelo que consta no exemplo 28 do *Libro de los exenplos por ABC*. O exemplo 152 trata da história da alma condenada a passar pela purgação dos pecados no banho em que trabalhava em vida, praticamente igual ao exemplo 372 do *Libro de los exemplos por ABC*. Os exemplos 153 e 155 contam histórias de almas que voltam ao corpo para reivindicarem algo, no primeiro se trata da expulsão de um bispo pecador e no segundo para defender uma pessoa que estava sendo agredida. O exemplo 248 (p. 169) é semelhante ao exemplo 400 do *Libro de los Exemplos por ABC*, onde o corpo do defunto surge queimado por ter sido enterrado em local sagrado e ele ter sido um pecador. Esses exemplos coincidentes serão alvo de maior análise no próximo capítulo.

Os *exempla* do *Especulo de los Legos* evidencia também uma preocupação em mostrar o que acontece com aqueles que não cumprem o que prometeram às pessoas muito próximas da morte. O exemplo 161 (p.109) conta a história de um monge que está no Purgatório por não

ter rezado pelos outros monges quando estes morreram. O Purgatório também é citado no exemplo 162 (p.110) onde se afirma que ele é o destino daqueles que tomam as doações feitas aos pobres. No capítulo XXXVII – *De los testamentarios*, o enunciado afirma que convém ao testamentário saber do Purgatório, já que as almas daqueles que neste lugar estão sofrerão muito se aquilo que solicitaram ainda em vida, no testamento, não for cumprido. Este capítulo dedica praticamente todos os seus exemplos para contar histórias de almas que voltam para atormentar aqueles que não realizaram o que esta solicitou antes da morte: o exemplo 261 (p.176) fala da alma de um cavaleiro que atormenta seu antigo escudeiro por este não ter vendido seu cavalo e doado o dinheiro aos pobres, e, no exemplo 266 (p.178), uma alma aparece nua para o seu testamentário e bispo que, ao invés de cumprir com a vontade desta em vida doando seus pertences aos pobres, preferiram dividi-los entre si. O objetivo desta alma era mostrar o quanto aquela atitude a estava fazendo sofrer no Além.

Apesar de o purgatório estar presente tanto no enunciado do capítulo quanto em vários exemplos, nem sempre ele é o lugar onde as almas passam por purgações antes do paraíso. Em dois exemplos (152 e 159) as almas passam por purgações em banhos, e no exemplo 151 a alma está presa em um cubo de gelo no mundo dos vivos. Em outros capítulos, quando tratado do destino da alma, o purgatório nem mesmo é referido, como é o caso do exemplo 186 (p.127), no capítulo XXVI – *De la malicia del diablo*, onde uma alma é condenada a ir diretamente ao inferno. Algo que também acaba ficando incerto ao longo do que é mostrado no livro é o momento em que a alma do indivíduo é julgada. No capítulo LXXVI – *del purgatorio*, se afirma que após a morte a alma vai para algum dos três lugares do além mundo (Inferno, Purgatório e Paraíso), porém no capítulo XXVIII – *Del dia del juicio e del su temor*, se expõe que é somente no juízo final que a alma é julgada, podendo ir para o céu ou para o inferno. O exemplo 239 (p. 160, capítulo XXXV- *De la lymosna*) também faz referência a um julgamento, porém logo após a morte do indivíduo, onde haveria uma balança que pesaria as coisas boas e ruins.¹⁶ No capítulo XXXVIII – *De la Descomunion*, os exemplos 271 (p.182) e 272 (p.183) afirmam que quando alguém é descomungado, o destino da alma daquela pessoa já está traçado, destinada ao inferno. O capítulo LXX – *De la penitencia*, não menciona o purgatório, apenas o inferno é destino das almas não puras. Neste capítulo há a descrição de diabos que seriam responsáveis por levar as almas até o inferno (exemplo 452, p.352). Como pode ser percebido, várias são as menções a almas que foram diretamente mandadas ao Inferno, sem passar por algum lugar intermediário; a doutrina do Purgatório

¹⁶ Neste exemplo a alma recebe a possibilidade de voltar à vida para fazer algumas boas obras durante algum período para daí sim ir até o paraíso.

prevê a ida direta da alma ao Inferno, dependendo do tipo de pecados que ela cometeu (esta, por sinal, é a única forma de uma alma ir para o Inferno, já que, como já se observou, a entrada no Purgatório significava a salvação da alma, mesmo que pudesse demorar até o dia do Juízo Final), porém nestes exemplos não há discrepâncias entre os pecados realizados, ou seja, não se afirma que a alma ao Inferno por estar suja por pecados outros que não apenas os veniais. Essas confusões espaciais de para onde vai a alma ou de onde fica exatamente o Purgatório ou Paraíso indicam que, no momento de compilação destas obras, não era tão clara a distinção espacial entre estes lugares.

O capítulo LXXXI – de las sepulturas, traz uma idéia recorrente nos outros livros analisados neste trabalho: o local onde o corpo é enterrado possui relevância no destino da alma destes, de modo que pecadores enterrados em lugares sagrados sofrem mais do que outros pecadores. Os exemplos 512, 513 e 514 (p.405 e 406) trazem essa idéia.

Diferentemente dos demais livros analisados aqui, o *Especulo de los Legos* não traz muitos exemplos que dão importância para o momento imediatamente anterior à morte. Um destes é o de número 551 (p.444), do capítulo LXXXVIII – Del temor, que embora afirme a importância da confissão dos pecados antes da morte, conta a história de uma pessoa que pediu perdão por temor do inferno e por amor, sendo que desta forma esse pedido não surtiu efeito e o destino de sua alma foi o inferno.

CAPÍTULO 3 – DIFERENÇA ENTRE DISCURSO E PRÁTICA: as discrepâncias entre os *exempla* analisados e a doutrina Católica de purgação dos pecados após a morte

Com o objetivo de demonstrar as diferenças entre as coleções de exemplos aqui analisadas, é importante dar destaque aos exemplos comuns a mais de uma obra. Um deles está presente tanto no *Libro de los exenplos por ABC*, quanto no *Orto do Esposo* e no *Especulo de los Legos*. No primeiro livro se trata do exemplo 417, no segundo, é o único exemplo do capítulo VII do terceiro livro, e no terceiro se trata do exemplo 278. Apesar de constar nos três livros, ele é descrito de forma diferente em cada um deles. (Os três exemplos estão no apêndice 1 deste trabalho. A exposição destes por completo tem por objetivo evidenciar as diferenças entre as obras, mesmo quando tratam de um exemplo comum).

Mattoso nos diz que esse exemplo é comum nas coleções de exemplos medievais, aparecendo pela primeira vez nos sermões de Jacques de Vitry (1228-1240). (MATTOSO, 1995, 223). É interessante perceber que o título dado pelo *Libro de los Exemplos* não possui paralelo nas demais obras, e mostra de forma resumida o objetivo do Clemente Sánchez com ele – no caso deste que aqui é tratado, é de falar do pecado da soberba. Já o *Especulo de los Legos* utiliza este exemplo no capítulo “De la guarda de las fiestas”, e parece de certa forma adaptar o exemplo para servir a esse objetivo, já que ele é o único onde se dá a informação que o jovem que morre não gostava de ir às festas religiosas. O *Orto do esposo* traz ainda um terceiro objetivo com o exemplo: mostrar que a religião é a verdadeira ciência, o “estudo da sabedoria”. Quando trata destes exemplos, Mattoso chama a atenção para um detalhe: a gota de suor que queima a quem tocar. Esse historiador acredita que esta seria uma reminiscência de crenças mais antigas que acreditariam que o contato com uma alma provocaria dano físico a quem isso fizesse. (MATTOSO, 1995, 224).

Além destes, há seis exemplos comuns ao *Libro de los Exemplos* e ao *Especulo de los Legos*. O mais significativo talvez seja o exemplo 372 do primeiro e 152 do segundo. A história contada já foi mencionada anteriormente: a história de uma alma que está pagando pelos pecados cometidos em vida em uma casa de banho. Comparando os dois exemplos, destaca-se primeiro que ele é de maior extensão no *Libro de los exemplos*, e segundo, que Clemente Sánchez deu um título bastante significativo para ele: “El pecador por su pecado, donde peço alli es penado”. (p.287). Apesar de os dois exemplos passarem essa idéia (de que

é na terra que a alma sofre as penas), isso é destacado apenas no *Libro de los exemplos*, enquanto a intenção do *Especulo* parece ser apenas de mostrar a gravidade das penas sofridas pelos pecadores. Talvez por isso o exemplo seja mais desenvolvido por Clemente Sánchez. Outro objetivo desde autor se evidencia na última frase do exemplo, não existente no *Especulo*:

“por la qual cosa se demuestra quando e tan grand provecho es a las animas el sacrificio de la missa, quando la demandan los spiritus de los muertos a los que biven e Dan señales que por la missa parescen ser asueltos”. (p.287)

É interessante perceber que, apesar de afirmar a utilidade da oração dos vivos pelos mortos, Sánchez não vê problema no lugar onde a alma é penada, não recorrendo à crença no Purgatório. No *Especulo de los Legos*, apesar de também mencionar que a alma, neste caso, é purgada no mundo dos vivos, não dá destaque para isso, talvez porque entraria em conflito com as demais partes do livro que pregam a existência do purgatório.

Outro exemplo recorrente nos dois livros é o de número 151 do *Especulo de los Legos* e número 28 do *Libro de los Exemplos*. Esses exemplos falam da história de um cubo de gelo encontrado por pescadores onde estaria presa uma alma penada, cumprindo sua penitência. A alma acaba sendo libertada após missas terem sido rezadas por ela. As duas narrativas são bastante semelhantes, embora o *Especulo* gaste mais linhas descrevendo os problemas que o padre teve para rezar as trinta missas, uma por dia, em dias contínuos. Na versão de Clemente Sánchez o número de missas necessárias não é mencionado, logo as complicações para realizá-las também não. A preocupação deste autor parece ser em mostrar o que acontece com a alma de quem não tem boa conduta em vida, e não em como se faz para salvá-la após a morte. Este exemplo difere muito da doutrina do purgatório, em primeiro lugar pelo local onde se dá a purgação da alma, e em segundo pelo meio em que esta purgação se dá, que aqui é pelo gelo e não pelo fogo. Um detalhe parece ser bastante importante: no *Especulo de los Legos* este exemplo está no capítulo XXIII – *Del cuidado que deuemos auer de los findos*; o enunciado do capítulo expressa de maneira bem clara os preceitos da doutrina do Purgatório, no entanto este exemplo difere em muito do que esta sendo dito ali. O objetivo do autor parece ser o de comprovar que as missas ajudam muito a alma, mas, talvez na ânsia por contar uma história simples para mostrar como isso se daria, acaba escolhendo um exemplo contraditório. Esse simples fato talvez corrobore com a idéia de que, se apropriando de histórias populares para espalhar a doutrina de Igreja, as coleções de exemplos fariam certas crenças populares continuarem a ser transmitidas.

Uma questão que precisa ser respondida, tendo em vista o que já foi exposto até aqui é a seguinte: essas diferenças entre aquilo que é pregado pela doutrina do Purgatório e aquilo que está exposto nos exemplos é uma característica do tipo de fonte que se analisa (as coleções de exemplos) ou do lugar tratado (Península Ibérica)? Para isso se faria necessário a análise de coleções de *exempla* de outros lugares da Europa. Neste trabalho se pôde comparar o *Libro de los exemplo*, o *Libro de los Gatos* e o *Orto do Esposo* com o *Especulo de los legos*, devido origem e fidelidade de tradução deste último. Felizmente, José Mattoso faz a análise de algumas coleções não ibéricas e se pode aqui expor o resultado dela para complementar a argumentação. Segundo Mattoso, há diferenças entre os exemplos difundidos na Península Ibérica e aqueles difundidos na França e Inglaterra; nestes lugares há destaque para a figura dos *revenants*, mortos que aparecem para transmitir alguma mensagem ou ensinamento do além; nos exemplos ingleses e franceses os espíritos são protagonistas e auxiliam os pregadores na persuasão dos vivos. Na península Ibérica, porém, as almas desempenham outro papel, já que quando surgem, fica claro que seu lugar no além ainda não está definido e que ela não está em repouso:

“Na França e na Inglaterra os mortos tornam-se, de facto, protagonistas frequentes dos exemplos parenéticos. Os pregadores atribuem-lhes os ensinamentos mais solenes e mais terríveis para acentuar a importância de preceitos, normas e crenças. São as histórias de *revenants* (...)” (MATTOSO, 1995, 223)

Ainda segundo Mattoso, as histórias dos *revenants* não alcançaram grande sucesso na Península Ibérica.

Voltando às comparações com o *Especulo de los Legos*, algo que Mattoso não referiu e que essa comparação parece demonstrar é que as coleções de exemplos peninsulares aqui analisadas demonstram menor importância ao além, aos mortos, se comparados à coleção inglesa que aqui se utilizou; o destaque maior fica em torno do momento logo anterior à morte e não no período após a morte, dando a entender que aquele momento é mais importante no destino da alma do que o pós-morte, e que pouco se poderia fazer para ajudar a alma após sua partida.

Portanto, a diferença existente entre a concepção expressa nos *exempla* peninsulares e os *exempla* franceses e ingleses com relação a como e a onde se dá a purgação dos pecados após a morte parece ser uma característica ligada à região onde estes foram compilados. Essa afirmação, porém, leva a outra pergunta: outras fontes peninsulares, que não as coleções de exemplos, possuem idéias semelhantes sobre esse tema? Que outras fontes poderiam ser utilizadas para confrontar com o que é dito nos exemplos? Não se pretende aqui analisar outro

tipo de fontes que não os exemplos, porém pode-se recorrer a estudos já feitos, e aqueles que talvez chamem mais atenção sejam os que tratam dos testamentos medievais, tanto pelo caráter desta fonte, quando pela quantidade de trabalhos de historiadores portugueses sobre a morte que têm esse tipo de fonte como base. Os trabalhos selecionados para confrontar com o que já foi exposto até aqui são basicamente dois: o estudo feito pela professora da Universidade de Évora, Dr. Hermínia Vilar (VILAR, in MATTOSO, 1995 e VILAR, 1995), e pela Dr. Isabel de Castro (CASTRO PINA, in MATTOSO, 1995). Estas duas autoras afirmam o caráter privilegiado que este tipo de fonte possui no estudo da morte:

“estes documentos [os testamentos] encerram também um conjunto de dados sociais, económicos e culturais que transformam esses registos em algo mais do que simples instrumentos jurídicos. Veiculando as preocupações de quem manda redigir, através destes documentos perpassa a atenção dada à família, aos amigos, aos servidores, à comunidade em que o testador se inseria, mas sobretudo, a importância conferida à salvação pessoal. (...) Daí que, tanto os registos testamentários como as doações transmitiam, talvez melhor do que outra fonte, o caráter sagrado desta passagem”. (VILAR, in MATTOSO, 1995, 31).

“Os testamentos parecem ser documentos privilegiados para detectar sentimentos e atitudes face à morte, já que se tratam de textos redigidos normalmente com esta realidade próxima. A iminência da morte confere ao texto registrado uma acentuada viveza que transparece, apesar da utilização frequente de fórmulas notariais estereotipadas”. (CASTRO PINA, in MATTOSO, 1995, 126).

O testamento dos séculos XIII, XIV e XV é feito com um objetivo bem claro em mente: a salvação da alma, e é em torno da alma que ele será elaborado. Fazer um testamento se torna um ato profundamente religioso, num ato que visa assegurar a própria salvação. A alma se torna a protagonista do testamento, e, como nos diz Isabel Castro, ela era o que de mais valioso se possuía, a única coisa que deveria ser salva. (CASTRO PINA, in MATTOSO, 1995, 126).

Diferentemente dos exemplos, os testamentos medievais portugueses detalham como são os rituais de passagem para o outro mundo. É bom lembrar que o texto dos testamentos é em primeira pessoa, e aquilo que consta nele são basicamente pedidos daquele que mandou elaborar o documento. Apesar de não ser incomum transparecerem nestes testamentos algumas imagens de como o testamentário imagina o Além, muito mais atenção é dada aos ritos de passagem, que por sua vez se dão nos momentos que antecedem a morte, ou imediatamente após esse fato. Afirmar que o objetivo dos ritos descritos nos testamentos é a salvação da alma ainda é algo bastante vago. Se o as pessoas da Baixa Idade Média

portuguesa acreditavam na eficácia de tais ritos, conseqüentemente acreditavam também na existência da possibilidade dos vivos intercederem pelos mortos, que os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos, possuíam uma ligação. José Mattoso é bastante claro quando trata da função dos rituais de morte, nos dizendo que estes se destinavam a assegurar aos mortos uma existência tranqüila e feliz no Além, ou inclusive “a fazer reverter em favor dos vivos os poderes [aos mortos] atribuídos” (MATTOSO, 1995, 8). A ligação entre os dois mundos, portanto, era uma via de duas mãos.

Já que são os ritos em torno da morte que recebem maior destaque nos testamentos portugueses da Baixa Idade Média, cabe tentar perceber em que momento se davam os rituais vistos como mais importantes para o destino da alma do moribundo. Tanto Isabel Castro quanto Hermínia Vilar separam os rituais de morte entre aqueles que ocorrem antes da morte, os que ocorrem no período entre a morte e o enterro, e os que ocorrem após o enterro. Sobre a importância dada a cada um destes períodos, Isabel Castro realça a importância dada ao momento da morte. Esse seria o “momento mais importante e o mais assustador” tendo maior importância na determinação do destino eterno, tanto que seria para ele que se solicitaria a presença de todos os intercessores celestes. A extrema-unção, que consiste no último sacramento conferido à pessoa, também é objeto de muita atenção dos testamentários. (CASTRO PINA, in MATTOSO, 1995, 126). O momento da morte, pelo contrário, não é muito mencionado; Hermínia Vilar explica esse fato afirmando que o testamento seria um documento cunhado em circunstâncias específicas como em uma doença, em véspera de expedição militar ou em uma idade já avançada do testador, portanto, mesmo com uma morte possivelmente não longe, não nos momentos mais próximos dela (VILAR, 1995, 166), além disso, os testamentos teriam como foco a “vivência pública” da morte, quando a Igreja tomaria conta dos rituais, já que até então eles estavam ligados ao “foro íntimo”, ligado à família, aos vizinhos, amigos. (Ibidem, 167). Já os momentos que seguem a morte são alvo de destaque um pouco maior; o cortejo, onde se iniciaria a vivência pública da morte, é detalhado em um grande número de testamentos, embora nenhuma das duas historiadoras mencione se o cortejo tenha alguma importância no destino da alma.

Um aspecto interessante destacado por Hermínia Vilar é o de que era dada grande importância à escolha do lugar onde o corpo seria enterrado; cemitérios próximos às igrejas, ou mesmo tumbas dentro delas eram mais visados. Essa visão transparece em vários exemplos presentes nas coleções analisadas. Quando tratam dos ritos que ocorrem após o enterro, ambas as historiadoras mencionam o fato de que estes se dariam até o aniversário de um ano de

morte, e que seriam mais freqüentes na primeira semana após a morte. Durante este período se acreditava que os vivos pudessem fazer algo pelos mortos através das missas rezadas em nome destes; embora essa intervenção dos vivos no mundo dos mortos seja mencionada, nem Hermínia Vilar, nem Isabel Castro informam se os testamentos mencionavam o Purgatório, dando a entender que não.

Ao comparar o que Hermínia Vilar e Isabel Castro Pina nos informam sobre os testamentos medievais portugueses da Baixa Idade Média e aquilo que até aqui foi exposto sobre os exemplos, pode-se afirmar a existência de algumas semelhanças na concepção sobre a purgação dos pecados após a morte. A primeira delas é a maior importância dada aos momentos que antecedem a morte em detrimento dos momentos posteriores a ela e a segunda é a importância dada ao local do enterro, local este que em ambas as fontes é visto como influenciador, de alguma forma, no destino da alma. A semelhança mais importante, porém, é a ausência da crença no Purgatório, mostrando que, tal como os pregadores, os fiéis ainda não haviam incorporado no final da Idade Média essa doutrina católica. Com relação a possíveis diferenças, parece não haver grandes contradições entre as fontes, embora se deva destacar que os testamentos mencionam as missas rezadas após a morte com o objetivo de ajudar à alma em questão (com detalhamentos interessantes, como o número de dias e o número de missas), detalhe normalmente ignorado nas coleções de exemplos aqui analisadas. Sobre este tema, as orações após a morte, segundo Maria Tavares, as missas e aniversário por alma pareceriam no século II, embora que para o mundo dos laicos a difusão dessa prática tenha sido mais tardia, com a criação das capelas. (TAVARES, 1997, 81).

Algo que transparece tanto nos testamentos quanto nos exemplos é que a alma e o corpo não são apenas duas coisas diferentes, mas também opostas. É interessante perceber que essa idéia é uma das bases da doutrina do Purgatório, já que, vale lembrar, apenas os pecados veniais, os ligados à carne, podem ser purgados neste local, já que aqueles indivíduos de alma maculada são mandados diretamente ao inferno. Joël Saugnieux, quando analisa o vocabulário da morte na Espanha do século XIII segundo a obra de Berceu, expõe que “essa oposição entre alma e corpo pertence à tradição cristã. Ela encontra sua expressão literária em numerosos Debates do Corpo e da Alma” (SAUGNIEUX in BRAET, & VERBEKE, 1996, 156). Também segundo este autor, o catolicismo pregava a existência de duas mortes, a morte do corpo, por vezes vista como algo bom, e a morte da alma, associada à condenação, ao afastamento de Deus, vista como algo muito ruim. Tentado encontrar algo que se assemelhe a essa concepção de duas mortes nas coleções de exemplos verifica-se que não há menções

claras isso, embora talvez os exemplos que falam de indivíduos que perdem sua alma, normalmente para o diabo, possam ser analisados por essa perspectiva, bem como as passagens onde o indivíduo está feliz pela proximidade do momento de sua morte (que sempre se referem à morte carnal).

Uma característica bastante perceptível das coleções de *exempla* analisadas é a valorização da pobreza como caminho para a salvação. É sabido que ao longo da Idade Média afirmou-se uma teologia da pobreza, em parte graças às ações das ordens religiosas devotadas à pobreza voluntária. Criou-se um antagonismo entre a salvação do pobre e a condenação do rico, o que contribuiu para a construção de uma ideologia defensora de uma sociedade bipartida em ricos e pobres, poderosos e não poderosos, o que transformaria o pobre e o oprimido na força de salvação do rico e poderoso. Em Portugal não teria sido diferente, pois seria neste contexto que teria se desenvolvido, a partir dos séculos XI e XII, o conceito da função social dos bens materiais, postos à disposição dos outros e o da esmola como instrumento de redenção. Antes deste período não havia, por exemplo, a identificação do pobre a Cristo. Teria sido criado com essa teologia da pobreza um diálogo, um escambo, entre ricos e pobres, que ligava a salvação eterna do rico à sobrevivência do pobre, onde o primeiro entrava com a doação dos bens deste mundo e o segundo com a oração em benefício da alma do rico. Essa seria a “economia da salvação” (TAVARES, 1997, 64).¹⁷

“A pobreza involuntária dos que nasceram indigentes ou nela vieram a cair por causas diversas de ordem econômica, social, política ou biológica, mantinha-se agregada a pobreza voluntária dos que abandonaram os bens terrenos para se dedicarem à meditação e contemplação das verdades eternas. A uns, por reconhecimento para com os benfeitores, aos outros, por se aproximarem mais da santidade, pelo abandono do mundo, pertencia a oração por alma dos doadores. Era, em suma, uma troca de dons e um investimento no Além... Era a sobrevivência material de uns pela salvação eterna de outros, precisamente daqueles a quem Deus, na sua onipotência, tinha acumulado de mais merecimentos, ou seja, de riqueza e poder e, como tal, mais lhes seria exigido no dia do Juízo Final.” (TAVARES, 1997, 67).

A grande difusão da prática da esmola, que deixou de ser somente anônima, mas também pública através dos instrumentos escritos de doação pela alma, além do enriquecimento do texto dos testamentos com passagens sobre esse tema, seriam indícios da plena difusão da idéia da ajuda dos vivos pelos mortos, em especial dos pobres pelos ricos. Seria apenas no século XV que essas práticas sofreriam alterações, onde a instituição de capelas, com fim de ser o lugar de oração e celebração de missas, substituiria as obras de misericórdia (esmolas a pobres, leprosos e presos, donativos a instituições assistenciais, etc.). (TAVARES, 1997, 68).

¹⁷ O conceito de “economia da salvação” utilizado por esta autora foi criado por J. Chiffolleau em *la comptabilité de l’Au-delà. Les hommes, la mort et la religion dans la région d’Avignon à la fin du Moyen Âge*.

A esmola era ainda complementada pela oração; neste ponto deve-se salientar o papel das confrarias de caridade, que tinham também como compromisso o sufrágio por alma dos defuntos, o acompanhamento dos moribundos, a oração pelos vivos e a ajuda diversa aos mais desfavorecidos.

Apesar dessa valorização da pobreza e das esmolas como caminho para a salvação, ou seja, de existir em Portugal a crença na utilidade da oração dos vivos no destino dos mortos, tanto os *exempla*, quanto os testamentos possuem muito pouca menção ao Purgatório. Maria Tavares afirma que “este espaço intermediário só tardiamente apareceria referido na testamentária portuguesa conhecida. No entanto, podemos depreender que ele era, desde o século XI o ausente sempre presente”. (TAVARES, 1997, 72). A menção a um “ausente sempre presente” é bastante interessante. Esta autora acredita que, apesar de não dito, o Purgatório estava de certa forma presente no imaginário português desde o século XI. Baseado nas coleções de exemplos consultadas, talvez essa afirmação não encontre sustentação. Como já foi aqui exposto, são poucos os exemplos que descrevem alguma forma de auxílio dos vivos pelos mortos. Contudo, a amostragem das fontes aqui analisadas pode ser muito pequena para generalizações maiores. Essa mesma historiadora aponta que durante os séculos XIII e XIV as confrarias portuguesas gradualmente incorporaram o compromisso de velar pela alma dos mortos, ou seja, ficou em grande parte a elas o encargo do culto aos mortos e do sufrágio das almas, e o mesmo teria acontecido com texto dos testamentos, cada vez mais preocupados em deixar quem reze pela alma após a partida. Esta autora ainda identificará o duplo julgamento da alma, (no momento da morte e no Juízo Final) nos testamentos portugueses, o que não é afirmado, como já exposto, pelas duas outras historiadoras que também analisam testamentos portugueses (Isabel Castro Pina e Hermínia Vilar). Esse duplo julgamento não aparenta ter correlação com as coleções de *exempla* analisadas, pois quando aparecem, os mortos ainda não possuem um lugar definitivo no além, ou seja, sua sorte ainda não foi totalmente definida. O estudo de Mattoso sobre as diferenças entre as coleções de *exempla* ibéricas e as coleções inglesas e francesas, e a questão dos *revenants*, parecem confirmar essa idéia (MATTOSO, 1995, 223), que vai de encontro ao que é afirmado por Maria Tavares¹⁸. Além disso, é notável a falta de clareza dos *exempla* analisados com relação ao momento onde o julgamento da alma ocorre.

¹⁸ É curioso o fato de, em um livro dedicado à vinculação da pobreza com o destino da alma e à serventia da oração dos vivos pelos mortos (numa “economia da salvação”), a autora gaste apenas três parágrafos para falar da crença no Purgatório em Portugal durante a Idade Média.

A morte, nos *exempla* analisados, está longe de ser considerada como algo bom. Há menções a uma morte boa, mas estas são muito raras, no geral a morte é muito temida. Maria Tavares afirma que a partir do século XII há um significativo aumento de passagens nos testamentos que demonstram o medo do dia da morte, ou, mais especificamente, o medo de uma morte não preparada. (TAVARES, 1997, 76), o que parece que acabou influenciando as coleções de *exempla*. A boa morte era uma morte preparada, onde o indivíduo deveria ter pronto o seu testamento, bem como já ter feito as doações aos pobres e, por fim, ter algum eclesiástico para ouvir a última confissão e realizar a extrema unção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: respostas que levam a mais perguntas

Este trabalho se propôs a comparar àquilo que é dito sobre a purgação dos pecados após a morte em algumas coleções de exemplos da Península Ibérica com àquilo que era pregado pela Igreja Católica de Roma, tomada como o que seria a doutrina oficial. Havia a hipótese inicial de que, apesar dos exemplos serem fontes de pregação clerical, poderia existir diferenças entre o que esta fonte expõe e aquilo que a Igreja pregava na mesma época com relação ao tema aqui tratado, já que durante esse período, a Baixa Idade Média, houve um esforço de Igreja Católica por difundir os preceitos de uma nova doutrina – a existência de um terceiro lugar no além, o Purgatório – e provavelmente esta foi incorporada em temporalidades diferentes nos diferentes lugares.

Os resultados encontrados acabaram vindo ao encontro da hipótese inicial. Demonstrou-se que as coleções de exemplos peninsulares analisadas possuem uma visão diferente sobre a purgação dos pecados, e que, mesmo sendo uma fonte de pregação, difundiam uma visão contraditória com a doutrina Católica sobre o Purgatório. Essa diferença, através da comparação feita com coleções de exemplos franceses e ingleses, se mostrou não oriunda do tipo de fonte, mas da região analisada, como também foi demonstrado através da comparação das coleções de exemplos aqui analisadas com o que alguns historiadores portugueses afirmam acerca dos testamentos da Baixa Idade Média Portuguesa.

Estas afirmações, porém, acabam por nos levar a outros questionamentos. O que significam estas diferenças demonstradas? Elas evidenciam um descompasso entre a Igreja Católica da Península Ibérica e Roma. Talvez isso possa ser indício de que as igrejas da Península Ibérica se situam como uma periferia, tendo Roma como centro. Outra possível explicação, se considerado a possibilidade dos *exempla* serem utilizados pelas ordens mendicantes, é que haja pelo menos um descompasso entre o clero regular (nomeadamente as ordens mendicantes, que pregavam nas cidades) e o clero secular da Península Ibérica. Essa segunda hipótese, porém, carece de uma confirmação do uso dos exemplos pelos mendicantes na Península Ibérica (embora as várias menções ao poder das esmolas na salvação das almas possa indicar uma resposta neste caminho) e de uma análise de fontes mais ligadas ao clero secular ibérico, para que com elas se fizesse uma comparação com os exemplos, para assim verificar se sua concepção de além, do destino das almas, se aproxima mais do “centro” ou se é semelhante àquilo pregado nos exemplos aqui analisados.

Encontrar algum vestígio de crenças populares da península Ibérica da baixa Idade Média nos exemplos analisados se mostrou algo bastante complicado, principalmente devido ao fato das coleções de exemplos recorrerem a histórias de diversos lugares e temporalidades; no entanto, ao menos indícios dessas crenças podem ser percebidos através da análise da escolha dos exemplos pelos autores das obras aqui tratadas.

A explicação para quase inexistência de menções ao Purgatório nos *exempla* analisados pode ser encontrada no fato de muito destes textos terem sido criados num período anterior à difusão desta nova doutrina; contudo é importante notar que as compilações de *exempla* são mais tardias e que, principalmente, a utilização delas foi muito grande durante a Baixa Idade Média; ou seja, durante um período onde a Igreja se esforça em difundir uma nova crença, ela se utiliza (ou pelo menos setores) textos mais antigos como fonte de pregação textos, que, por isso, ainda não trazem essa nova doutrina.

Baseado nos exemplos analisados não se pode afirmar com clareza nem o momento nem o local onde as almas são julgadas. O Purgatório é muito pouco mencionado, porém os exemplos são ricos em histórias de almas que voltam do além, mostrando que existe um lugar de espera para o julgamento final, onde as almas não estão simplesmente adormecidas; a crença no duplo julgamento também é de difícil verificação nas fontes analisadas, embora a importância dada ao momento da morte possa estar relacionada a um adiantamento do julgamento para este momento.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

MALLER, Bertil. Orto do esposo: texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Ed. Crítica; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

KELLER, John E. El libro de los gatos: Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958.

KELLER, John E. Libro de los ejemplos por a.b.c. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1961.

HERNANDEZ, Jose M. Mohedano. El especulo de los legos: texto inedito del siglo XV. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1951.

FONTES SECUNDÁRIAS

ARIÈS, Phillippe, Images de l'homme devant la mort, Editora Sevil, Paris, 1983.

_____, Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média, Editora Teorema: Lisboa, 1988.

BRAET, Herman & VERBEKE, Werner (eds.); A morte na Idade Média, São Paulo: Editora da USP, 1996.

DUARTE, Maria Teresinha; Os Franciscanos e o ensino da Teologia na Universidade, em Portugal, ao tempo de D. Dinis, in Anais do 6º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006.

GALLI, Sidinei, A Cruz, a Espada e a Sociedade Medieval Portuguesa. São Paulo: Arte e Ciência/UNIP, 1997.

LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org.); Dicionário temático do Ocidente Medieval. São Paulo: Edusc, 2002.

- LE GOFF, Jacques; O Imaginário Medieval. Lisboa: Estampa, 1994
- _____ ; O nascimento do Purgatório. Lisboa: Estampa, 1993
- _____ ; A civilização do Ocidente Medieval. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995.
- _____ ; O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval. Rio de Janeiro: Ed, 1990.
- _____ ; A bolsa e a vida econômica e religiosa na Idade Média. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- KLEINE, Marina; El Reyque es fermosura de Espana: imagens do Poder Real na obra de Afonso X, O sábio (1221-1284) Porto Alegre, 2005.
- MACEDO, José Rivair; Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média .Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade UFRGS/Unesp, 2000.
- MALKIEL, Maria Rosa Lida de; La vision de transmundo en las literaturas hispánicas. In El outro mundo em la literatura medieval. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1956.
- MAROTTA, Cláudia Otoni de Almeida; O que é história das mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MATTOSO, José; História de Portugal vol2, Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- _____ ; O reino dos mortos na Idade Média Peninsular, Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1995.
- _____ ; O essencial sobre a cultura medieval portuguesa (séculos XI ao XIV), Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro; Pobreza e morte em Portugal na Idade Média, Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- VILAR, Hermínia Vasconcelos, A vivência da Morte no Portugal Medieval, a Estremadura Portuguesa (1300-1500), Redondo, 1995
- VOVELLE, Michel; Imagens e Imaginário na Historia: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Editora Ática, 1997.

ARTIGOS ON LINE

DUMBAR, Kenton T. G.R. Owst: The Sermon Exempla in Medieval England, Revista Alicanto, da Universidade de Atacama/Chile:

<http://www.revistahumanidades.uda.cl/publica/010003.pdf> consultado em outubro de 2009.

SCHMITT, Jean-Claude, Recueils franciscains d'exempla et perfectionnement des techniques littéraires du XIII au XV, Revista Persée, da Universidade Lumière, Lion, França:

<http://www.persee.fr/web/guest/home/> consultado em setembro de 2009. Artigo publicado originalmente em 1976.

Odo of Cheriton. In The Catholic Encyclopedia. Nova Iorque: Robert Appleton Company.

<http://www.newadvent.org/cathen/11212a.htm> Consultado em outubro de 2009.

APÊNDICE 1: *Exempla* comuns a mais de uma obra

A leitura deste apêndice é sugerida para um melhor acompanhamento da argumentação que inicia o capítulo 3. Trata-se de um *exempla* comum ao *Libro de los Exemplos*, ao *Orto do Esposo* e ao *Especulo de los Legos*.

Versão do *Libro de los Exemplos* por ABC:

La vangloria en disputar
a grand pecado es de contar

Em Paris fue un maestro en logica que avia nombre Silo. Moriendose un su discipulo, rrogole muy afincadamente que tornasse a el despues de la muerte, el qual le aparecio despues con una capa del inferno toda llena de sophismas e argumentos. E preguntole que pena padescia.

E el dixole: - Esta capa que veyedes mas pesa que si toviessse a una torre sobre mi que es por la vangloria de los sophismas e argumentos que fazia. E toda es de dentro llena de fuego por las forraduras delicadas que traya.

El maestro non creyendo que esta era grand pena, extendio la mano, e cayo una gota de su sudor la qual le forado la mano assi commo si fuera saeta de fuego; e tan grande fue el dolor que penso morir.

E dixole: - Todo soy tal commo esta gota.

El maestro conto todas estas cosas a sus escolares, e saludandolos pariosse dellos e conpuso estos versos e metiose em uma rreligion. (p.322).

Versão do *Orto do Esposo*:

Huu meestre de Paris, que auya nome meestre Silo, auya huu escolar, seu conpanheyro. E aconteceo que aqueste escolar emfermou pera morte, e meestre Silo o rrogou muy aficadamete que o veesse ueer depois da sua morte pera lhe recontar em que estado era. E, depois que aquella escolar morreo, a cabo dalguus dias apareceo ao meestre co hua capa de purgaminho, toda escrita de argumetos de losica, que chamã sofismas, e era toda dedentro e defora cubierta de chama de fogo. E pregutou-lhe o meestre que capa era aquella, e dise-lhe o escollar: Esta capa me carrega e me pessa mais que se teuese, e he me dada que a traga por pena pella gloria uãã que tomava em aquelles argumetos das sofismas. E a chama de que he cubierta, som as pelles dilicadas que tragia por forraduras dos panos em desuayradas maneyras. E ho meestre lhe disse: A my parece-me esta pena ligeyra. E ho escollar lhe disse que estendesse a mão e asy uerya como era ligeira aquella pena. E ho meestre estendeo a mão e o escolar lhe lançou hua gota da sua suor ena mão, e logo aquella goteyra da suor transpasou a mão do meestre, como se fosse seeta, e tal guisa que el sitio marauilhosamete a door e ho tormeto do escollar. E disse-lhe o escolar: Tal he este fogo todo. E entom o meestre ficou tam espantado do fogo, que pose em seu coraçom leixar o sele e emtrar e religiom. E em outro dia, estando todos seus discipulos juntos, feze huus uersos que diziam assy: Leixo este soom cloax aas rããs e cras aos coruos e as uaydades aos vããos, e eu uou a hua sciencia da lisica que he tal que no temem a conclusom da morte. E leyxou logo o segle e meteu-se e religiom, em que he o estudo da sabedoria. (p. 52)

Versão do *Especulo de los Legos*:

E aún recuenta Odo de Sericón que fué en París un maestro que avia nonbre Serlo e avia un discipulo que despreçiaua de oyr en las fiestas los oficios diuinales, se ponía a escribir argumentos logicales. E commo aqueste discipulo muriese, apareció despues de la muerte de dicho Serlo, su maestro, vestido de una ropa negra sobrecosida toda de carillas, e dixo-le: Muy grauemente so atormentado por las cartillas de los argumentos que acostunbraua escuirlos días de las fiestas e así

so agora penado por ellas e cada una dellas pesa más de una gran torre. E sy quieres conosçer lo que sufro estiende tu mano e ver-lo as. E commo maestro Serlo estendiese su mano, cayóle sobre ella una gota del sudor que corría del diçípulo que le apareçiera e foradogela sin detenencia. E veyendo esto maestro Serlo, dexó la logica que vezaua e entró en reliçión e compuso los versos que se sieguen: Dexo el quax, quax a las ranas, e el cras, cras a los cueruos, e las cosas vanas a los vanos, e yo vome a aquella lógica que non teme lor argumentos de la muerte. (p.186).